

Sejam todas e todos
BEM-VINDAS/OS AO



IVENA ENCONTRO NACIONAL
DE AGROECOLOGIA
AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE

Belo Horizonte, 2018

Sejam todas bem vindas e todos bem vindos ao IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA). Este caderno pretende contribuir para que cada participante tenha uma ótima experiência no IV ENA, trazendo informações básicas sobre as atividades, a estrutura e a logística do evento.

Em 2018, celebramos trinta anos da Constituição Federal de 1988. E esta é uma das razões que inspiram o lema do IV ENA: **“AGROECOLOGIA E DEMOCRACIA UNINDO CAMPO E CIDADE”!** A história, desde então, foi marcada por várias conquistas e afirmação da perspectiva democrática. Mas estamos assistindo, hoje, à ofensiva neoliberal com uma progressiva desconstrução de direitos e negação de seus fundamentos.

Não podendo ficar alheios a essa conjuntura, reafirmamos, portanto, os sentidos políticos do IV ENA:

- *visibilizar a disputa de projeto de sociedade e as importantes lutas que acontecem cotidianamente nos territórios, evidenciando a ação dos sujeitos que praticam a agroecologia como construção de proposta de um campo contra-hegemônico;*
- *revigorar o movimento agroecológico, acenando para o papel protagonista das mulheres, das juventudes, dos sujeitos coletivos das florestas, das águas, dos campos e das cidades; e*
- *aprofundar o que se entende por conexão cidade e campo, ou seja, olhar para a cidade como território, conhecer o que significa agroecologia “da” e “na” cidade, e ressignificar o direito à cidade.*

Recordamos também que nos animam os seguintes objetivos do IV ENA:

- *apresentar para amplos setores da sociedade experiências do campo, das florestas, das águas e das cidades que mostram os múltiplos benefícios da agroecologia: produção de alimentos saudáveis; recuperação e conservação de fontes de água, da biodiversidade, das florestas e dos solos; democratização do uso da terra; geração de trabalho digno e renda; e valorização das identidades e das culturas representadas pela diversidade dos sujeitos;*
- *manifestar posicionamento crítico e denunciar o desmonte das políticas públicas e a violação dos direitos, conclamando setores urbanos a se engajarem na defesa de políticas e ações públicas para a Reforma Agrária e na defesa dos territórios dos povos e comunidades tradicionais, assim como no fortalecimento da agricultura familiar e camponesa e da agricultura urbana;*

- *estreitar laços e ampliar alianças do movimento agroecológico com redes, fóruns e movimentos sociais que interagem com a perspectiva agroecológica, avançando no diálogo sobre a agroecologia e a função social das cidades e afirmando valores emancipatórios para a vida das mulheres, contra o machismo e o patriarcado, e em favor dos direitos das juventudes, contra o racismo e o etnocídio; e*

- *aprofundar o debate sobre os sentidos estratégico e político da comunicação e da cultura, no contexto de hegemonia das corporações da comunicação e de ofensiva conservadora em relação à cultura, e afirmar a comunicação e a cultura como direitos, sem os quais a democracia é ameaçada e a agroecologia não alcança na plenitude o seu potencial transformador.*

SOBRE A ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (ANA)

A Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) é um espaço de articulação e convergência entre movimentos, redes e organizações da sociedade civil brasileira engajadas em experiências de promoção da agroecologia, de fortalecimento da produção familiar e de construção de alternativas sustentáveis de desenvolvimento rural. A ANA articula redes estaduais e regionais, que reúnem centenas de grupos, associações e organizações não governamentais em todo o País, além de movimentos sociais de abrangência nacional.

A ANA organiza a sua ação em três frentes. A primeira consiste em articular iniciativas realizadas pelas organizações em seus programas de desenvolvimento local/territorial, promovendo o intercâmbio e fomentando a reflexão coletiva sobre as lições delas extraídas. Dessas lições, são retirados subsídios para a segunda frente de ação: o trabalho de incidência sobre as políticas públicas. Por meio da prática da troca de experiências e de debates, são identificados gargalos e desafios para o desenvolvimento da agroecologia e elaboradas propostas para a criação e o aprimoramento de políticas públicas que promovam o aumento de escala da agroecologia nos territórios. A terceira frente de ação da ANA se refere à comunicação com a sociedade, que busca dar visibilidade à realidade da agricultura familiar e camponesa, dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, e às propostas defendidas pelo campo agroecológico, estimulando, assim, uma atitude proativa em defesa dessas propostas.

Desde a sua constituição, em 2002, a ANA já realizou três Encontros Nacionais de Agroecologia – ENAs (Rio de Janeiro/RJ, 2002; Recife/PE, 2006; e Juazeiro/BA, 2014). Em 2011, na cidade de Salvador/BA, a ANA, em parceria com oito redes e fóruns da sociedade civil, organizou o *Encontro Nacional de Diálogos e Convergências - agroecologia, saúde e justiça ambiental, soberania alimentar, economia solidária e feminismo*.

Os Encontros Nacionais constituem o principal fórum de discussão e decisão das estratégias políticas da ANA. Após o III ENA, foi constituído um fórum para avaliação e debate de estratégias: a Plenária Nacional da ANA, da qual participam organizações, redes e movimentos que fazem parte da Articulação.

A ANA cumpre um papel de construir unidade política para incidência em espaços de diálogo entre o governo e sociedade. Cabe destacar a atuação da ANA na Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO), no Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA) e no Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável (CONDRAF).

A ANA tem ainda em sua estrutura organizativa grupos de trabalho (GTs) e coletivos, dos quais participam as organizações e redes que desenvolvem trabalhos em temas variados e são espaços de intercâmbio de experiências e de formulação de propostas e negociação de políticas públicas.

SOBRE O TERRITÓRIO QUE ACOLHE O IV ENA

Em Minas Gerais, estado que acolhe o IV ENA, a Agroecologia é construída por muitas mãos, fazeres, vozes e saberes. Por todo o território mineiro, agricultores e agricultoras, indígenas, quilombolas e tantos outros povos e comunidades tradicionais, a partir de suas práticas e modos de vida, constroem relações harmônicas com a natureza para produção de alimentos ecológicos. Essas experiências, que promovem no campo e na cidade a conservação e o cuidado com os bens comuns, como os territórios, a água e a biodiversidade, mostram ainda a diversidade e a grande capilaridade da agroecologia.

O trabalho coletivo e a atuação em rede marcam a construção da agroecologia em Minas Gerais. A Articulação Mineira de Agroecologia (AMA), desde 2003, congrega organizações, movimentos sociais, coletivos do campo e da cidade, que promovem a agroecologia e incidem política-

mente na construção de um projeto popular. A partir das lições aprendidas com as ações e práticas coletivas que são desenvolvidas nos territórios, nas comunidades e nos bairros, a AMA participa de espaços de elaboração e monitoramento de políticas públicas para o fortalecimento e promoção da Agroecologia e da democracia.

Na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), terceira mais populosa região metropolitana do Brasil, não é diferente! Uma significativa trajetória de articulação social e de iniciativas de políticas públicas relacionadas à agricultura urbana e à agroecologia tem evidenciado uma grande diversidade de sujeitos e experiências tradicionais e contemporâneas. Além disso, tem explicitado os conflitos socioambientais relacionados às atividades agrícolas e pecuárias na região, assim como a força da agroecologia na reestruturação territorial e na construção de sistemas alimentares justos, sustentáveis e populares em regiões metropolitanas.

O PROCESSO PREPARATÓRIO

A realização do IV ENA foi uma decisão da Plenária Nacional da ANA, que aconteceu em abril de 2017, em Belo Horizonte, da qual participaram representantes de 48 organizações, entre movimentos sociais nacionais e regionais e redes regionais e estaduais, além de representantes de seis grupos de trabalho ou coletivos da ANA e das organizações que fazem parte do núcleo executivo da ANA.

Desde então, formou-se uma comissão organizadora estadual do IV ENA em Minas Gerais e uma comissão organizadora nacional, esta última composta por 26 representantes de movimentos sociais nacionais e regionais e de redes regionais, além de representantes da comissão organizadora estadual e do núcleo executivo da ANA. Foi formada também uma comissão executiva nacional e diversas super comissões de trabalho para tratar de questões como finanças, alimentação, infraestrutura, feira, metodologia, saúde, ciranda, comunicação e cultura.

Os debates realizados ao longo deste processo deram origem à Carta Convocatória do IV ENA, publicada em novembro de 2017.

O processo preparatório do IV ENA foi marcado pela realização de muitas atividades em todos os cantos do País que mobilizaram milhares de pessoas, principalmente agricultores e agricultoras, povos indígenas e

comunidades tradicionais, mas também estudantes, pesquisadores e pesquisadoras, professores e professoras, consumidores e consumidoras, equipes de organizações de assessoria, artistas populares, comunicadores e comunicadoras e pessoas engajadas em diversos movimentos atuantes nas cidades. Foram encontros nas comunidades, caravanas agroecológicas e culturais, almoços agroecológicos, cine debates, encontros territoriais e interterritoriais, encontros estaduais, dentre outras atividades. Este processo foi marcado também pela realização dos Encontros Regionais de Agroecologia, que em alguns locais foram chamados de ERÊs. Houve encontros no Sudeste, no Sul, no Centro-Oeste e no Nordeste. Na Amazônia, houve reuniões com representantes das redes estaduais e de organizações e movimentos sociais atuantes na região. Por restrição de recursos, não foi possível realizar o Encontro Regional da Amazônia antes do IV ENA. A boa notícia é que já temos as condições para a realização deste encontro após o ENA.

O IV ENA, portanto, não é apenas um grande evento entre os dias 31 de maio e 3 de junho de 2018, em Belo Horizonte. É um processo de mobilização do campo agroecológico brasileiro que se iniciou em abril de 2017, e que agora vive o seu momento de culminância.

Todo este trabalho de mobilização social, a reflexão sobre os trabalhos de construção da agroecologia realizados pelas redes atuantes nos territórios, suas conquistas e desafios, as discussões sobre os temas mobilizadores do ENA e o cuidado na preparação da participação no encontro, nos fazem acreditar que o IV ENA será um momento muito importante para o fortalecimento da ANA e dos movimentos e redes.

AS ATIVIDADES DO IV ENA

Abertura Político Cultural

A Abertura do IV ENA terá caráter político-cultural. Partirá da referência de povos afro e indígenas, na perspectiva de provocar uma reflexão sobre como eles nos apontam, a partir de suas expressões, costumes e modos de vida, outras possibilidades de ser, de saber, de lutar, de cultivar, de cultuar, de cultura, de agricultura, de construção do bem viver. Em seguida, serão apresentados os objetivos e a programação do Encontro, assim como as delegações estaduais. Para finalizar, teremos

uma série de apresentações artístico-culturais.

Dia: 31/05 (quinta-feira) | 19h às 22h | Local: Grande Tenda (22)

Plenária das Mulheres

Pelo menos 50% do público do IV ENA são mulheres. As mulheres auto-organizadas no Grupo de Trabalho (GT) Mulheres da ANA realizarão uma grande plenária orientada pelo lema “Sem Feminismo não há Agroecologia”. Essa plenária pretende, entre outros objetivos, articular a participação das mulheres em todos os espaços de discussão do Encontro, organizando sua contribuição nos diferentes temas de aprofundamento. Um grande Rio da Vida das Mulheres será montado, resgatando a contribuição das mulheres para a construção da agroecologia ao longo das últimas décadas.

Dia: 31/05 (quinta-feira) | 14h às 17h | Local: Grande Tenda (22)

Plenária das Juventudes

Entendendo a importância das juventudes para a construção e fortalecimento dos territórios agroecológicos em todo o Brasil, no IV ENA, é garantido que no mínimo 30% das/os participantes sejam jovens. E a Plenária das Juventudes será o momento de encontro dessas juventudes para compartilhar suas denúncias e anúncios no que tange, principalmente, o momento histórico que estamos vivenciando nos últimos anos. É a partir do compartilhamento das histórias dos coletivos e de suas experiências que se pretende construir coletivamente os rumos desse segmento dentro da ANA. A juventude tem alcançado um importante papel dentro do movimento agroecológico. No ano de 2016, foi criado o GT de Juventudes da ANA, formado por 12 jovens de diferentes estados do Brasil. Na Plenária, será um momento de interação do GT com as juventudes presentes, a fim de construir estratégias de ações coletivas e ampliar a representação no mesmo.

Dia: 02/06 (sábado) | 9h às 12h | Local: Grande Tenda (22)

Plenária Indígena

A Plenária Indígena será um espaço de auto-organização das/os indígenas vindas/os de todas as regiões do Brasil para participar do IV ENA.

Dia: 02/06 (sábado) | 9h às 12h | Local: Tenda 6

PROGRAMAÇÃO

	31 de maio (quinta)	1º de junho (sexta)	2 de junho (sábado)	3 de junho (domingo)
Manhã	7h às 11h: Acolhida dos/as participantes 8h às 12h: Acolhida dos/as participantes, credenciamento e reuniões setoriais (ciranda, jovens, saúde, etc) no Parque Municipal e no PlugMinas	7h30: Montagem das instalações pedagógicas 9h às 12h: Construção da agroecologia em territórios / biomas	9h às 12h Vivências (experiências em BH e região metropolitana) Seminários nacionais Plenárias (indígena, quilombola e juventudes) Oficinas e atividades autogestionadas	8h às 10h: Ato Público 10h às 12h: Banquete popular agroecológico no Parque Municipal
Almoço	12h às 14h: Almoço no Restaurante Popular	12h às 14h: Almoço no Parque Municipal	12h às 14h: Almoço no Restaurante Popular	12h às 14h: Almoço no Restaurante Popular
Tarde	14h às 17h: Plenária das Mulheres na Grande Tenda do Parque	14h às 17h30 – Seminários Temáticos 18h às 19h – Feira da Agrobiodiversidade	14h às 15h30 - Continuidade das atividades da manhã Lançamento de publicações na Grande Tenda do Parque 16h às 19h: Plenária Final na Grande Tenda do Parque	Retorno aos estados
Jantar	17h30 às 19h: Jantar no Parque Municipal	18h às 20h: Jantar no Parque Municipal	19h às 21h: Jantar no Parque Municipal	
Noite	19h às 22h: Abertura Político-Cultural do IV ENA na Grande Tenda do Parque	19h30 às 22h: Apresentações artístico-culturais na Grande Tenda do Parque	20h Apresentações artístico-culturais no Viaduto de Santa Tereza	
FEIRA SABERES E SABORES			9h às 17h	9h às 13h
PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO	14h às 22h	14h às 22h	9h às 17h	9h às 13h
ESPAÇO DA CIRANDA	14h às 17h	7h30 às 12h e 14h às 17h30	9h às 12h e 14h às 19h	
ESPAÇO DA SAÚDE	14h às 17h	9h às 17h	9h às 17h	9h às 13h

Plenária Quilombola

A Plenária Quilombola será um espaço de auto-organização das/os quilombolas vindas/os de todas as regiões do Brasil para participar do IV ENA.

Dia: 02/06 (sábado) | 9h às 12h | Local: Tenda 7

Construção da agroecologia em territórios / biomas

Na sexta-feira (01/06), das 9h às 12h, as/os participantes do IV ENA serão divididas/os em 16 tendas no Parque Municipal para a realização de debates sobre a conjuntura, a partir das experiências de redes territoriais de agroecologia. As tendas serão organizadas por biomas (Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa); e haverá também uma tenda do Litoral e uma tenda das Metrôpoles.

Em cada tenda, serão apresentadas experiências na forma de instalações artístico-pedagógicas, contando com imagens, mapas, objetos, produtos, relatos orais e outras formas de expressão para narrar a história, as experiências e os desafios das redes. As experiências apresentadas servirão de insumo para animar o debate entre todas as pessoas presentes em cada tenda, permitindo reflexões a respeito do papel e da contribuição das redes para o avanço da agroecologia, bem como sobre a importância das políticas públicas para o desenvolvimento das experiências e sobre os bloqueios enfrentados nos territórios.

Tenda 1 – Cerrado do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul

Experiências:

- Grupo de Intercâmbio em Agroecologia (GIAS) / MT
- Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul (APOMS) / MS

Tenda 2 – Cerrado Mineiro

Experiências:

- Norte de Minas
- Triângulo Mineiro
- Noroeste de Minas

Tenda 3 – Resistências ao MATOPIBA

Experiências:

- Saberes e Fazeres Quilombolas: Experiência de Plano de Gestão Territorial (Cartografia Social) – Jalapão e Sudeste do TO
- Pescadores artesanais e povo de matriz africana do Terreiro do Egito
- Comunidade Cajueiro - São Luiz / MA;
- Diálogo com a Campanha em Defesa do Cerrado e com lutas de resistência em outros países como a Campanha Não ao Pró-Savana em Moçambique e em outros países.

Tenda 4 – Pantanal

Experiências:

- Organização Caianás – Povo Indígena Terena / MS
- Associação Regional das Produtoras Extrativistas do Pantanal (ARPEP)/MT

Tenda 5 – Caatinga I

Experiências:

- Sertão do São Francisco / BA e PE
- Polo da Borborema / PB

Tenda 6 – Caatinga II

Experiências:

- Chapada do Apodi / RN
- Chapada do Araripe / PE

Tenda 7 – Caatinga III

Experiências:

- Sertão do Pajeú / PE
- Semiárido Mineiro: Norte de Minas (Gerais) e Vale do Jequitinhonha / MG

Tenda 8 – Mata Atlântica do Nordeste

Experiências:

- Mata Sul / PE
- Baixo São Francisco / SE

Tenda 9 – Mata Atlântica do Sudeste

Experiências:

- Bacia do Rio Doce / MG e ES
- Experiências do ES na Mata Atlântica / ES
- Vale do Ribeira, Vale do Paraíba e região de Iperó / SP

Tenda 10 – Mata Atlântica do Sul

Experiências:

- Experiências de SC na Mata Atlântica / SC
- Rede de Sementes Agroecológicas do Paraná (RESA) / PR

Tenda 11 – Litoral

Experiências:

- Vales do Curu e Aracatiaçu / CE
- Litoral do Rio de Janeiro / RJ
- Resistência e Gestão da Reserva Extrativista Mãe Grande de Curuçá/PA
- Movimento de Pescadoras e Pescadores Artesanais do Litoral do Paraná / PR

Tenda 12 – Pampa e Mata Atlântica do Sul

Experiências:

- Rede de Agroecologia Ecovida / RS
- Plano Camponês: programa de estruturação da produção, tendo em vista a qualidade de vida dos camponeses e camponesas e a construção da soberania e segurança alimentar / RS

Tenda 13 – Amazônia – Bico do Papagaio

Experiências:

- Rede Bico / TO
- Quebradeiras de Coco Babaçu / TO, PA, PI e MA
- Sementes Krahô / TO

Tenda 14 – Amazônia Ocidental

Experiências:

- Rede Maniva de Agroecologia do Amazonas (REMA) / AM
- Associação do Movimento dos Agentes Agroflorestais Indígenas do

Acre (AMAAIAC) / AC

- Rede de Agroecologia Terra Sem Males / RO

Tenda 15 – Estuário Amazônico (Região Metropolitana de Belém e Baixo Tocantins)

Experiências:

- Gurupá / PA
- Bailique / AP

Grande Tenda (22) – Metrôpoles

Experiências:

- Região Metropolitana de Belo Horizonte - Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (AMAU) e Rede Urbana de Agroecologia (RUA Metropolitana) / MG
- Região Metropolitana de Belém: Quilombo do Abacatal e Ponto de Cultura Alimentar Iacitata / PA
- Região Metropolitana do Rio de Janeiro - Rede Carioca de Agricultura Urbana / RJ
- Revolução dos Baldinhos: gestão de resíduos urbanos em Florianópolis / SC

Seminários Temáticos

Na sexta-feira (01/06), das 14h às 17h30, serão realizados 14 Seminários Temáticos simultâneos, entre os quais os/as participantes do Encontro se distribuirão de forma espontânea. Os debates temáticos serão animados, no início, pela apresentação de experiências concretas, conduzidas por agricultores/as e suas organizações. Como fruto desses debates, serão formuladas propostas para a criação e/ou o aprimoramento de políticas públicas; propostas de ação para organizações e redes do movimento agroecológico; e subsídios para a elaboração da Carta Política do IV ENA.

1) Biodiversidade: bem comum, soberania alimentar e territorial dos povos do Brasil

A agrobiodiversidade e a sociobiodiversidade são as expressões dos conhecimentos, da cultura, da sabedoria, da história, da ancestralidade

e do trabalho dos camponeses, camponesas, povos indígenas e comunidades tradicionais brasileiras. Foi por meio das técnicas de manejo, cultivo, melhoramento, conservação, troca, circulação e cruzamento das espécies que estes povos sobreviveram, garantindo, assim, os principais recursos para a vida.

Ocorre, entretanto, uma ofensiva brutal aos recursos naturais, aos territórios, aos saberes tradicionais destes povos e à biodiversidade. Tal processo transforma e se apropria deste patrimônio genético, ambiental e cultural e o transforma em mercadoria, em bens apropriáveis e negociáveis. O processo de avanços tecnológicos foi acompanhado de marcos regulatórios de concentração de tecnologias e patentes, de apropriações dos conhecimentos tradicionais, de facilitação de pesquisas e comercialização das sementes híbridas e transgênicas e de brechas para o avanço da biologia sintética e indução genética.

Mesmo assim, os povos resistem como guardiões e guardiãs da biodiversidade, fundando, criando e reinventando iniciativas de defesa das sementes crioulas, mudas e animais agroecológicos. Criam redes de proteção e articulação, desenvolvem feiras e festas de sementes, constroem mecanismos de trocas e edificam casas de sementes. Travam lutas contra as ameaças agrícolas, econômicas, legislativas e criam espaços agroecológicos e territórios livres de transgênicos e agrotóxicos, possibilitando o desenvolvimento da soberania dos povos com alimentos saudáveis e garantia de meio ambiente equilibrado para as gerações futuras.

O GT Biodiversidade da ANA propõe, portanto, um debate crítico e atualizado sobre a biodiversidade – um bem comum e elemento fundante da soberania alimentar e territorial dos povos do Brasil – e sobre as disputas no contexto contemporâneo. Ao mesmo tempo, busca anunciar as resistências cotidianas nos lugares e práticas sociais dos/as agricultores/as familiares, povos e comunidades tradicionais. Práticas essas ancoradas em saberes e articuladas em movimento que têm muito a contribuir com a agroecologia, a soberania alimentar e a democracia no campo e nas cidades.

Experiências:

- Manejo e manutenção da sociobiodiversidade pelo Movimento Interstadual das Quebradeiras de Coco Babaçu do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins.
- Guarda das sementes pelos agricultores, políticas públicas e resiliên-

cia camponesa para as alterações climáticas, a partir da Articulação do Semiárido Brasileiro.

- Territórios, financeirização e biodiversidade, a partir da Comissão dos Povos e Comunidades Tradicionais dos Pampas, no Sul do Brasil.

14h às 17:30 | Local: Tenda 1

2) Educação do Campo e Construção do Conhecimento Agroecológico

A Educação do Campo é expressão identitária de um movimento nacional que tem afirmado o direito da população do campo educar-se no lugar onde vive e através de uma educação pensada a partir deste lugar, com a participação dos sujeitos sociais, vinculada à sua cultura e que dialogue com as diversas dinâmicas humanas e sociais ali existentes. A interface entre a Agroecologia e a Educação do Campo encontra-se em suas práticas sociais, políticas e pedagógicas, orientadas por uma intencionalidade e princípios comuns de ações e processos de transformação da realidade na construção de outro projeto de desenvolvimento de sociedade, construído a partir de uma perspectiva participativa e de produção coletiva de conhecimentos.

A agroecologia pressupõe uma nova forma de se relacionar com a natureza e com a sociedade. Para isso, é necessário superar a oposição campo-cidade e fortalecer a construção de um projeto popular de sociedade justo, democrático e igualitário. Por sua vez, os processos educativos em agroecologia pressupõem “novas” estratégias de produção do conhecimento, ensino e aprendizagem, que não as convencionalmente impostas para o ato de aprender e ensinar. Estes processos, entretanto, para serem respeitados, precisam de um ambiente democrático. A falta de democracia tem inclusive ameaçado todas as conquistas recentes da agroecologia e da educação do campo. Por isto, a luta pelo restabelecimento da democracia no Brasil é crucial para todos os seres, do campo ou da cidade.

Experiências:

- Cisternas nas escolas e a educação contextualizada à convivência com o semiárido.
- Cursos de licenciatura em educação do campo.
- Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) ou casas familiares rurais (CFRs).
- Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) agroecológica e feminista.
- Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs).

14 às 17:30h | Local: Tenda 2

3) Mudanças Climáticas e Agroecologia

Os modos de vida e as práticas socioproductivas agroecológicas de povos indígenas, povos e comunidades tradicionais (PICTs), camponeses e agricultores e agricultoras familiares contribuem na redução e adaptação dos efeitos das mudanças do clima. Entretanto, estes grupos sociais são, ao mesmo tempo, extremamente vulneráveis a esses efeitos, ou seja, são os que têm sido e os que tendem a ser mais afetados pelas mudanças do clima.

Nesse contexto de vulnerabilidade, é imprescindível a garantia do direito ao livre manejo da agrobiodiversidade, dos direitos territoriais e da regularização fundiária e demarcação territorial de povos indígenas, comunidades quilombolas e comunidades tradicionais. Por outro lado, observa-se, em determinados territórios, a construção de estratégias de resiliência socioecológica às mudanças climáticas (MC), com o fortalecimento organizativo destes povos, ampliando a segurança alimentar e nutricional, contribuindo com a mitigação das mudanças no clima e promovendo novas estratégias de adaptação. Nota-se, no entanto, que determinadas políticas e programas de enfrentamento às mudanças climáticas podem ampliar a situação de vulnerabilidade destes povos, tornando-se, nesses casos, “falsas soluções”.

Todas estas questões colocam alguns desafios para o campo agroecológico no enfrentamento desta problemática, como: 1) ampliar o conhecimento, a promoção e a implementação de estratégias de resiliência socioecológica frente às mudanças climáticas em agroecossistemas (considerando a redução da vulnerabilidade e aumento da mitigação e adaptação), em todo país; 2) ampliar o conhecimento dos PICTs, agricultores familiares e da sociedade, de forma adequada e acessível, acerca das causas, dos impactos e dos efeitos socioeconômicos e ambientais das mudanças do clima nos territórios. 3) ampliar o conhecimento de PICTs e agricultores familiares acerca dos processos de discussão e definição de políticas relacionadas, no âmbito internacional e nacional, como a Estratégia Nacional de Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal/ENREDD e outras políticas climáticas que incide sobre eles; 4) refletir sobre os limites e oportunidades do acesso a recursos oriundos dos resultados alcançados pelo Brasil na contenção do desmatamento e degradação dos bens naturais (florestais) e uso da terra (agricultura); e denunciar iniciativas de compensação ambiental, financeirização e mercantilização dos bens naturais, que geram ameaças aos direitos territoriais e livre acesso a agrobiodiversidade.

Deste modo, espera-se, assim, que as atividades no IV ENA possam contribuir com estes desafios.

Experiências:

- Impacto das mudanças climáticas e construção de agroecossistemas resilientes no Semiárido Pernambucano. Centro Sabiá/ASA
- Iniciativas de monitoramento social dos impactos das MCs na América Latina. Embrapa Amazônia Oriental/ABA
- Experiência de agroecossistemas resilientes na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Nascentes Geraizeiras\MG.
- Experiência de Pagamento de Serviços Ambientais (PSA), com populações quilombolas do Vale do Ribeira (SP). CONAQ

14 às 17:30h | Local: Tenda 3

4) Comida de Verdade no Campo e na Cidade: Caminhos e Diálogos entre a Agroecologia e a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN)

“Comida de verdade é aquela que reconhece o protagonismo da mulher, respeita os princípios da integralidade, universalidade e equidade. Não mata nem por veneno nem por conflito. É aquela que erradica a fome e promove alimentação saudável, conserva a natureza, promove saúde e paz entre os povos”. (Manifesto Comida de Verdade – 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional)

O conceito “Comida de Verdade”, construído coletivamente a partir do processo da 5ª Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, nos fornece bases críticas para analisar os gigantescos desafios e problemas provocados por um sistema alimentar hegemônico alicerçado nos interesses de grandes corporações e que tem dominado toda a cadeia produtiva – do mercado de agrotóxicos e transgênicos, passando pela concentração de terras e tecnologias, pela produção de alimentos ultraprocessados até chegar às estratégias de marketing que induzem ao consumo nas grandes redes de fast food e supermercados.

Ao mesmo tempo, a defesa da Comida de Verdade nos possibilita conectar diferentes dimensões da SSAN ao afirmar que uma alimentação promotora de saúde e de direitos precisa ser diversificada, produzida em bases ambientais e sociais justas, livre de contaminantes, integrada à cultura e às tradições dos povos e populações e ser regionalmente contextualizada. As trilhas que levam à Comida de Verdade passam pelo

fortalecimento de alianças e (re)conexão entre o campo e a cidade, pelo reconhecimento e valorização do trabalho das mulheres e pela defesa de um Sistema Alimentar que assegure, por meio da agroecologia, a realização do Direito Humano à Alimentação Adequada e Saudável (DHAA) e a garantia da Soberania Alimentar (SOBAL).

Esse Seminário Temático nos convida a refletir, a partir de algumas experiências, sobre o papel da agroecologia na transformação dos sistemas alimentares e suas contribuições para a construção dos caminhos para a comida de verdade.

Experiências:

- Circuito Sul de Circulação de Alimentos da Rede Ecológica de Agroecologia.
- Rede Ecológica do Rio de Janeiro.
- Central do Cerrado: produtos ecossociais.
- Campanha “Comida é Patrimônio” (Nacional).
- Povo Indígena Karo Arara - Saberes e Práticas Karo ar Wirikanã: mabexépanã – resgate de receitas de comidas tradicionais, histórias e mitos sobre a alimentação Karo Arara.

14 às 17:30h | Local: Tenda 4

5) Sem Feminismo não há Agroecologia

Feminismo e Agroecologia fazem parte da construção de um mesmo projeto de transformação da sociedade, que busca garantir a soberania dos povos sobre seus territórios e promover a produção e o consumo de alimentos saudáveis, a partir do uso e manejo sustentável dos agroecossistemas, ao mesmo tempo em que reconhece o trabalho e a contribuição econômica das mulheres para a sustentabilidade da vida, promovendo autonomia, igualdade e liberdade.

Não basta produzir sem agrotóxico. É preciso transformar as relações sociais entre homens e mulheres e entre gerações, ressignificando as conexões campo e cidade. As mulheres rurais, urbanas, e dos povos e comunidades tradicionais são protagonistas, renovando conceitos e práticas, estando a frente de processos de transição agroecológica e resistindo aos avanços da mercantilização da vida e da natureza.

É com o feminismo – que é popular, anticapitalista, antirracista e antiLGBTfóbico – junto à agroecologia que podemos enfrentar o capitalismo e o patriarcado, vencendo a divisão sexual do trabalho que está na base da opressão das mulheres. No atual cenário de retrocessos, em que o

golpe misógino, midiático, parlamentar e jurídico tem intensificado o projeto político neoliberal e patriarcal – viabilizado devido à aliança com o setor financeiro internacional, as transnacionais do setor energético, os impérios agroalimentares e outras grandes corporações –, algumas organizações da agroecologia não estão conseguindo responder a essa ofensiva à altura, pois, diante da falta de recursos, têm diminuído ou suspenso suas ações com as mulheres.

Não nos calaremos e não admitiremos retrocessos, muito menos em nossos espaços de militância! É preciso barrar o avanço do golpe e do conservadorismo, não tolerando o machismo e a violência contra as mulheres na sociedade e em nossas próprias organizações. Reafirmamos juntas: SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA!

Experiências:

- GT Mulheres da ANA

14 às 17:30h | Local: Tenda 5

6) Agrotóxicos e Transgênicos

O Seminário Agrotóxicos e Transgênicos no IV ENA abordará quatro eixos. O primeiro deles se refere ao desafio da produção de sementes crioulas de milho frente à contaminação dos transgênicos. O segundo eixo abordará a pulverização aérea de agrotóxicos, que vem sendo utilizada como arma química contra comunidades indígenas e camponesas. Serão apresentados também os casos de municípios que conseguiram banir a pulverização aérea e que tiveram, com isso, um ganho em sua produção agroecológica. O terceiro eixo irá abordar o uso de agrotóxicos em regiões urbanas e metropolitanas. Apesar de ser uma realidade em muitas cidades do Brasil, a produção agrícola com uso intensivo de venenos dentro ou nas proximidades de grandes aglomerações urbanas ainda é um tema pouco estudado, apesar de trazer sérios perigos à população. Finalmente, o quarto eixo irá tratar da questão das abelhas e polinizadores impactados pelo agronegócio, e as iniciativas de resistência que estão sendo organizadas.

O seminário irá apresentar ainda uma carta-denúncia sobre os casos de perseguição de pesquisadores e militantes que se posicionam contra os agrotóxicos e em defesa da vida.

Experiências:

- Sementes crioulas e contaminação transgênica – Experiência da Produção de Milho do MCP \ GO
- Pulverização aérea como arma química – Experiência sobre o Genocídio dos Povos Indígenas no MS.
- Impactos dos Agrotóxicos nas regiões urbanas/metropolitanas – Experiências de agricultoras/es de Porto Alegre e da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

14 às 17:30h | Local: Tenda 6

7) Direito à terra e território: conflitos e resistência dos povos do campo e da floresta

Nos 30 anos da Constituição Brasileira de 1988, vivemos no País um cenário de violação do sistema público constitucional de proteção ao bem ambiental de uso comum do povo e, ao mesmo tempo, de violação do princípio da função social da propriedade. Cresce a concentração fundiária, junto com a violência e desterritorialização, colocando em risco a soberania e segurança alimentar e nutricional dos povos do campo e da floresta e criando barreiras para a promoção da agroecologia.

Nesse seminário, temos como objetivos: atualizar o debate sobre os vários sentidos e dimensões da luta pela terra e território, no contexto de desconstrução da legislação fundiária e ambiental e da crescente expansão do agronegócio, da mineração e de grandes projetos; identificar, nas manifestações dos conflitos e nos cenários de ameaças ao direito à terra e território, as iniciativas e caminhos próprios de resistência e alternativas que são construídos pelos povos do campo e da floresta em várias regiões; analisar os impactos dos conflitos fundiários sobre a vida das mulheres e suas formas de resistência; e definir ações para o movimento agroecológico.

Experiências:

- Povo Indígena Munduruku, da região do Alto, Médio e Baixo Tapajós, no Estado do Pará, Amazônia.
- Comunidade de Fundo de Pasto de Areia Grande, no Município de - Casa Nova, Território do Sertão de São Francisco / BA.
- Comunidade Quilombola Passa Sete, no Município de Conceição do Mato Dentro, na Região Central / MG.

- Assentamento Contestado, no Município da Lapa / PR.

14 às 17:30h | Local: Tenda 7

8) Agriculturas urbanas e direito à cidade

Nas grandes, médias e pequenas cidades e nas regiões metropolitanas do Brasil, a diversidade de experiências em agricultura urbana se expressa em diferentes escalas e formas de produção em hortas escolares, hortas comunitárias, quintais produtivos, iniciativas de educação ambiental, ocupações urbanas, acampamentos e assentamentos urbanos, favelas, ocupações de terrenos baldios, iniciativas de guerrilha verde e em sítios com características de produção rural familiar. Essas diversas experiências de agricultura urbana presentes nos territórios permitem reconhecer que a cidade não é apenas um lugar de consumo de alimentos, mas também de espaços produtivos populares e orientados por princípios agroecológicos, que produzem outras cidades em contraponto ao paradigma da cidade capitalista.

Entretanto, nem toda agricultura urbana é agroecológica! O avanço nas discussões faz com que novos atores sociais envolvidos com a temática da agricultura urbana coloquem o conceito em disputa. O conceito de agricultura urbana abrange uma diversidade enorme de experiências de cultivo alimentar urbano, o que nos leva à proposição de uma agroecologia urbana, que traga em seu bojo conceitual a necessidade de promoção de técnicas sustentáveis e tradicionais de produção de alimentos, do avanço científico baseado nos saberes populares e do projeto político que permita a superação das desigualdades sociais e a construção de uma sociedade mais justa, solidária, igualitária e responsável.

Experiências:

- Associação de Agricultores da Zona Leste de São Paulo / SP
- Revolução dos Baldinhos em Macaíba / RN
- Sertão Agroecológico no Território do São Francisco / BA e PE
- Agroecologia na Periferia em Belo Horizonte / MG

14 às 17:30h | Local: Tenda 8

9) Comunicação e cultura: caminhos para a construção de conhecimentos agroecológicos, para o fortalecimento da democracia e para ampliação do diálogo entre campo e cidade

Experiências de comunicação e cultura popular, comunitária, alternativa, independente e livre fazem parte da história das lutas sociais contra injustiças, desigualdades e luta por direitos, tanto no Brasil como em outros países da América Latina. No campo agroecológico, são inúmeras experiências comunicativas e culturais que semeiam transformações na busca por soberania alimentar, com respeito ao meio ambiente, às formas de fazer e saber de agricultores e agricultoras familiares e povos e comunidades tradicionais. Ao mesmo tempo, a comunicação e a cultura cumprem importante papel diante da necessidade de defesa da democracia, sistematicamente ameaçada após o golpe vivido no País, resultado da pressão articulada de três frentes majoritariamente dominadas por forças conservadoras: Judiciário, Parlamento e mídia corporativa.

Esses são alguns dos enfoques do eixo “Comunicação e Cultura” que podem nos fortalecer na busca de amplificar as nossas narrativas sobre a importância da agroecologia para a sociedade como um todo. Ao mesmo tempo, em um movimento mais para o interior do campo agroecológico, debater e pensar como agir coletivamente para que a Comunicação e a Cultura sejam braços que: fortaleçam narrativas da diversidade dos povos que produzem “comida de verdade”; colaborem para que cada vez mais sujeitos políticos se empoderem do direito à comunicação e consigam expressar suas culturas, principalmente as alimentares; e que sejam pontes para potencializar outros direitos, como o direito à terra e ao território, à água, ao trabalho digno, à alimentação, a um meio ambiente saudável, aos direitos das mulheres, ou seja, a tudo que se relaciona à agroecologia.

Por tudo isso, consideramos que, neste IV ENA, é fundamental debater “Comunicação e Cultura como Territórios Simbólicos da Agroecologia”, voltados para a construção de conhecimentos e ampliação dos diálogos entre campo e cidade. O seminário será, portanto, um momento de reflexão para a ANA sobre o papel da comunicação e da cultura, abordando os três eixos: i) construção do conhecimento; ii) fortalecimento da democracia; e iii) diálogo campo e cidade.

Experiências:

- Grupo de Teatro Amador do Polo da Borborema/PB.
- Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC).

- Terreiro-cultural/Programa de Extensão Universitária Teia/Universidade Federal de Viçosa \ MG
 - Série Curta Agroecologia - parceria entre o Canal Saúde/Fiocruz e ANA
- 14 às 17:30h | Local: Tenda 9

10) Saúde Integral e Medicina Tradicional

Pensar Saúde Integral a partir da Agroecologia exige reconhecer que, na diversidade de experiências agroecológicas, por cada cantinho desse país continental que é o Brasil, estão sendo estabelecidas relações com a saúde. A valorização dos diferentes saberes, da agrobiodiversidade, dos cuidados com os bens comuns, do protagonismo das mulheres, de jovens e de pessoas mais experientes são princípios agroecológicos que, mesmo sem mencionar a palavra saúde, contribuem para práticas promotoras de saúde e para territórios e agroecossistemas mais saudáveis.

A medicina praticada por comunidades tradicionais define-se como um modo de vida, um saber viver alicerçado em cuidados preventivos que inclui os saberes atribuídos de ancestralidade, espiritualidade e continuidade, a produção e troca de conhecimentos e de processos de investigação sobre a utilização dos recursos da biodiversidade e da água, além da produção de alimentos saudáveis. No entanto, a despeito da existência desses saberes e dessas práticas de saúde, assim como da conquista recente de algumas políticas públicas relacionadas ao tema, as práticas populares de cuidado permanecem marginalizadas, enfrentando barreiras estruturais, desqualificação e criminalização.

Nesse Seminário Temático, daremos ênfase às conexões entre Saúde e Agroecologia, a partir de práticas populares de cuidado que reconhecem e valorizam os conhecimentos tradicionais, a construção compartilhada do conhecimento e a autonomia comunitária.

Experiências:

- Articulação Pacari.
- Associação dos/as agricultores/as familiares da Serra dos Paus Dóias (Agrodóia) e Rede de Agricultores Experimentadores da Chapada do Araripe \ PE
- Instituto Padre Ezequiel Ramin, Rede de Agroecologia Terra Sem Males \ RO e Associação Brasileira de Homeopatia Popular.

14 às 17:30h | Local: Tenda 10

11) Água e Agroecologia: o papel da agroecologia na defesa das águas como bem comum

O cenário de expropriação, privatização, contaminação e até mesmo total destruição das águas se mostra avassalador. A concentração das águas, em especial nas mãos das grandes corporações, amplia a crise hídrica que impacta diretamente toda a população e, de forma mais intensa, os grupos étnicos e sociais mais despossuídos e menos representados nas esferas do poder.

Para anunciar outros modos de saber, fazer e sentir na relação com as águas, e para defendê-las como um bem comum das atuais e futuras gerações, compete a nós enunciar para a sociedade que a agroecologia é uma alternativa poderosa, pois não diz respeito apenas à produção de alimentos saudáveis e à promoção da justiça socioambiental e da saúde, mas também à proteção das águas.

É nesse contexto que diversas populações que vivem no campo, no semiárido, no cerrado, na floresta, nas margens de rios, nos manguezais, nas regiões litorâneas e nas periferias das grandes cidades estão protagonizando disputas profundas para garantir o acesso à água como direito e reprodução da vida.

Assim, percebe-se que o movimento agroecológico tem pistas valiosas a oferecer para todos aqueles e aquelas que se encontram engajados na defesa das águas como bem comum, entre elas: várias iniciativas agroecológicas de uso e reuso das águas; técnicas e acordos coletivos e comunitários de gestão e manejo; e valores e princípios contra-hegemônicos nas formas de pensar e se relacionar com as águas.

Experiências:

- Fechando a torneira do agronegócio no Cerrado – o caso da resistência popular em Correntina / BA.
- As políticas de convivência com o semiárido na transformação da vida das mulheres, das comunidades rurais e do Nordeste – o caso da Chapada do Apodi / RN.
- Movimento pelas Serras e Águas de Minas Gerais - Minerar o quadrilátero ferrífero ou proteger o quadrilátero aquífero?

14 às 17:30h | Local: Tenda 11

12) Construção Social de Mercados

Os circuitos curtos de comercialização e os sistemas de caráter local passam por um processo de construção social que permite que as famílias de agricultores/as e consumidores/as envolvidos/as alcancem níveis cada vez maiores de autonomia. Isso passa pelo acesso aos canais de comercialização já existentes, mas principalmente pela construção e controle social de novos circuitos de comercialização de seus produtos, independente das grandes redes transnacionais de distribuição e varejo. Esse Seminário pretende, a partir do que vem sendo posto em prática por milhares de famílias que trabalham sob os princípios agroecológicos, analisar o cenário e apontar possibilidades para o fortalecimento deste esforço coletivo. Um olhar atento sobre três experiências significativas e um debate entre as/os participantes será o meio utilizado para lançarmos luzes sobre os caminhos que devem, a partir de agora e no contexto que vivenciamos, serem trilhados.

Experiências:

- Rede das Feiras de Recife \ PE.
- Experiência capitaneada pela Vigilância Sanitária de Mato Grosso do Sul, com uma abordagem inovadora sobre a aplicação da RDC 49 em relação a organizações da agricultura familiar e camponesa no estado.
- A Aopa – Coaopa tem o maior contrato junto ao Estado do Paraná para o fornecimento de alimentos orgânicos para a merenda escolar, além de atender cerca de dez prefeituras da região metropolitana de Curitiba.

14 às 17:30h | Local: Tenda 12

13) Desafios e alternativas para o financiamento que viabilize a transição e consolidação da Agroecologia

O arranjo institucional que dá suporte ao financiamento do crédito rural não possibilita atender satisfatoriamente os empreendimentos econômicos de base familiar, tão pouco a diversidade dos sistemas produtivos. Além da insuficiência de recursos públicos para apoiar a transição agroecológica e a sua consolidação, em especial para o fomento à produção e investimentos para o fortalecimento dos empreendimentos econômicos familiares e das redes de agroecologia espalhadas por inúmeros territórios, nos diferentes biomas brasileiros.

As experiências apresentadas nesse seminário, sobre financiamento, visam oferecer alternativas ao modelo oficial hegemônico, que opera

exclusivamente por meio de uma institucionalidade bancarizada, segundo as normas do Ministério da Fazenda e do Banco Central. Em relação à agroecologia, o formato estabelecido não foi elaborado segundo os seus princípios e sem entender as dinâmicas produtivas dos sistemas de produção agroecológicos. Dessa forma, fizeram uma transposição das normas do Manual de Crédito Agrícola – aplicadas ao modelo convencional de produção – para os financiamentos em agroecologia.

Experiências:

- Plano Camponês, apresentado pelo MPA \ RS
- Pronaf Agroecologia: desbloqueio dos recursos do Pronaf Agroecologia a partir do debate aos bancos públicos.
- Fundo Dema (Amazônia)

14 às 17:30h | Local: Tenda 13

14) Juventudes

A proposta do Seminário de Juventudes é refletir e dar visibilidade às ações dos coletivos de jovens que tangenciam as temáticas levantadas no lema “Agroecologia e Democracia Unindo Campo Cidade”. No momento atual de golpe que estamos vivendo no Brasil, é de extrema relevância dar visibilidade a processos de resistência e construção de novas formas de sociedade. Nesse sentido, as experiências de mobilização e organização construídas pelas juventudes comungam com o papel historicamente assumido pelas/os jovens na construção de um projeto democrático de sociedade. Cada vez mais, temos visto que a Agroecologia nos faz analisar/discutir/planejar/agir de forma coextensiva, tendo como princípios: classe, sexo, raça, etnia, sexualidade e geração.

Experiências:

- Comissões de Jovens Multiplicadores/as da Agroecologia (CJMA).
- Coletivo de Juventudes da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (ARRJ).
- Feira Pedagógica de Santa Catarina - EFASC.
- O balanço do Coqueiro do Assentamento Maceió \ CE

14 às 17:30h | Local: Tenda 14

Seminários Nacionais

1) Direitos Humanos e Agroecologia: mecanismos de denúncia de violações e a efetivação de garantias aos agricultores e agricultoras, povos indígenas e povos e comunidades tradicionais

Estarão presentes representantes do Ministério Público Federal (4ª e 6ª Câmaras e Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão), Defensoria Pública da União, Ministério Público do Trabalho, Conselho Nacional dos Direitos Humanos e Rede Nacional de Advogados e Advogadas Populares. Na parte da manhã, após uma breve contextualização sobre a estrutura e competências do Poder Judiciário brasileiro e mecanismos de denúncias em violações de direitos humanos, serão apresentados alguns casos marcantes de violações, abusos e seus desfechos que afetaram camponeses/as, povos e comunidades tradicionais. Em seguida, serão organizadas rodas de conversa para apresentação de denúncias e trocas de vivências, com a presença de representantes dos órgãos e organizações. Na parte da tarde, será apresentada a síntese dos casos relatados e serão dadas orientações gerais sobre como oficializar denúncias e acompanhar a tomada de providências. Também serão coletadas algumas denúncias que servirão de base para a atuação institucional e planejamento conjunto contra a violação de direitos humanos.

9 às 12:00h e 14 às 15:30h | Local: Tenda 2

2) Redes de Agroecologia para o Desenvolvimento dos Territórios – aprendizados do Programa Ecoforte

O Programa Ecoforte é um programa público construído em diálogo com a sociedade civil brasileira, no âmbito da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Com apoio da Fundação Banco do Brasil (FBB) e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o primeiro edital do Programa, lançado em 2014, apoiou redes territoriais de agroecologia de todo o País, fortalecendo experiências e dinâmicas organizativas, propiciando o desenvolvimento e a replicação de tecnologias sociais inovadoras, promovendo intercâmbios, apoiando a criação de novos mercados, entre outras ações envolvendo múltiplos atores. Por meio do Projeto “Redes de Agroecologia para o Desenvolvimento dos Territórios”, a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) tem desenvolvido indicadores e metodologias para a sistematização das

experiências e dos resultados das ações dessas redes. Neste seminário, será apresentada uma síntese das metodologias e dos resultados já identificados, abrindo-se espaço para o debate e para a articulação de ações de desdobramento a partir dos processos iniciados pelo projeto.

9 às 12:00h | Local: Tenda 5

Ecoforte Extrativismo - Relacionamento com a FBB

Bate papo da Fundação Banco do Brasil (FBB) com os parceiros executores de projetos do Edital Ecoforte Extrativismo sobre o relacionamento com a FBB e gestão dos projetos.

14 às 15:30h | Local: Tenda 5

3) Desafios da construção das políticas públicas estaduais e municipais de apoio à Agroecologia

Ao longo dos últimos anos foi possível acumular um conjunto significativo de aprendizados relativos às políticas públicas no campo da agroecologia, ao nível nacional. Porém existe uma lacuna importante no que se refere aos processos realizados ao nível dos estados e dos municípios, que são pouco difundidos e na maioria das vezes, são conhecidos apenas ao nível local ou regional. Acreditamos que muitos dos processos estaduais e municipais que estão em curso na atualidade, são capazes de gerar mudanças importantes, e assim ampliar as conquistas para o movimento agroecológico.

Neste sentido, será realizado um debate sobre os desafios, limites e perspectivas na construção e implementação de políticas públicas de apoio à agroecologia no âmbito dos estados e municípios. A partir de uma leitura crítica de experiências existentes, serão buscados seus aprendizados para estimular novas políticas em todo o País, bem como para estabelecer um espaço de diálogo mais contínuo sobre esses processos.

9 às 12h | Local: Auditório JK da Sede da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) - Av. Afonso Pena, 1212, Centro.

4) Protocolos Comunitários: biodiversidade e território

No contexto da diminuição de direitos sociais e políticas públicas, os processos autônomos e criativos de gestão territorial se constituem

como estratégias de fortalecimento da organização comunitária para o livre acesso e uso da biodiversidade e para garantia dos direitos territoriais. Assim, multiplicam-se no Brasil iniciativas de protocolos de consulta comunitários e protocolos bioculturais, construídos por povos e comunidades tradicionais, povos indígenas, agricultores familiares e camponeses, com referência na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), na Convenção da Diversidade Biológica, no Protocolo de Nagoia e no Marco Legal da Biodiversidade Brasileira (Lei 13.123/2015). Entre os exemplos estão o Protocolo de Consulta Quilombola da Federação das Organizações Quilombolas de Santarém e o Protocolo Comunitário Biocultural das Raizeiras do Cerrado. Se, por um lado, essas iniciativas garantem os direitos das comunidades tradicionais, por outro lado, podem ser apropriadas por empresas e governos interessados na implementação de projetos privados de exploração de bens naturais. Assim, a presente oficina discutirá os limites e potencialidades dos protocolos comunitários, procurando debater essas contradições e compartilhando estratégias de resistências.

9 às 12h | Local: Tenda 3

5) Seminário “Sistemas Alimentares Agroecológicos em Regiões Metropolitanas”

A organização de sistemas alimentares urbanos tem crescentemente despertado a atenção e o interesse de setores da sociedade historicamente menos envolvidos com as práticas, lutas e políticas públicas relacionadas à agricultura e à alimentação. Esta agenda de debates tem provocado a aproximação de trajetórias e narrativas que há tempos atuam em frentes diversas, como a agroecologia, a agricultura urbana, a agricultura familiar, a soberania e segurança alimentar, o direito à cidade e aos bens comuns. Em várias regiões metropolitanas brasileiras existem práticas cotidianas, resistências nos territórios e um conjunto de iniciativas implementadas por organizações da sociedade civil e pelo poder público que podem ser melhor articuladas para a construção de sistemas alimentares urbanos mais justos e sustentáveis. Esse seminário tem o objetivo de reunir reconhecidas experiências, coletivos, agentes públicos e redes brasileiras para conhecer o que já está acontecendo e construir novas conexões para a organização de sistemas alimentares agroecológicos em regiões metropolitanas. O Seminário prevê apresentações de experiências e cochichos, momentos para anúncios institucionais e de Termos de Cooperação referentes à

promoção da agroecologia e organização de sistemas alimentares em regiões metropolitanas.

13h30 às 15h30 | Local: Tenda 1

Vivências (experiências em BH e região metropolitana)

No sábado (02/06), serão realizadas 16 vivências em experiências agroecológicas e de resistência urbana em Belo Horizonte e região metropolitana, que abordam temas como terra e território, produção alimentar, saúde, educação, comunicação, cultura, organização social, direito à cidade, entre outros.

As/os participantes sairão do Parque Municipal e arredores, de ônibus, transporte público ou a pé, na manhã do dia 02/06. As inscrições para as vivências vão ocorrer no primeiro (31/05) e no segundo (01/06) dias do Encontro, na Tenda de Credenciamento, localizada próxima à entrada principal do Parque (Av. Afonso Pena). No ato da inscrição, as/os participantes serão orientadas/os sobre o local de saída e o horário exato de cada vivência.

1) Espaço Comum Luiz Estrela

No dia 26 de outubro de 2013, um grupo de artistas e ativistas de Belo Horizonte ocupou um casarão histórico, de propriedade do Governo Estadual de MG, que estava abandonado há 19 anos. A abertura do emblemático casarão deu início ao Espaço Comum Luiz Estrela, criado com o objetivo de salvar o imóvel tombado da total deterioração e também de se converter em um espaço livre de formação artística, aberto e autogestionado. Desde então, o prédio vem recebendo em seu pátio externo uma série de atividades culturais. Ao longo de quase cinco anos de existência, o Espaço Comum Luiz Estrela já acolheu incontáveis eventos artísticos, culturais, políticos e acadêmicos. O Espaço também já foi ponto de distribuição do projeto Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA). Trata-se de um local com grande potencial de agenciamento campo-cidade, a partir dos movimentos sociais e ativistas envolvidos com o Espaço. A vivência que ocorrerá durante o IV ENA será um rico momento, pois, através de um passeio pelo Espaço, as pessoas serão instigadas a pensar sobre a convergência entre a permacultura e a ocupação de espaços/imóveis públicos urbanos.

9h às 12h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no Restaurante Popular

2) Ocupação Carolina Maria de Jesus

A Ocupação Carolina Maria de Jesus, localizada no coração de Belo Horizonte / MG, traz à tona a enorme incoerência entre as quase 80 mil famílias sem casa da capital mineira e os mais de 171 mil imóveis e terrenos vazios na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). O Movimento de Luta de Bairros, Vilas e Favelas (MLB) reivindica que o prédio seja destinado para moradia dessas famílias, que sofreram por anos com a falta de habitação digna e adequada, condição fundamental para constituírem suas vidas. A região central de Belo Horizonte é concentradora de trabalhos, infraestruturas e serviços que são negados a grande parte das famílias periféricas da capital. Ocupar o Centro é possibilitar acesso aos serviços básicos de saúde, educação, transporte e oportunidades de emprego a quem precisa. Durante a vivência, será realizado um passeio pela Ocupação, contando um pouco sobre as experiências agroecológicas na Carolina de Jesus, e também será organizada uma atividade para construção de um banco de sementes no local.

9h às 15h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no local

3) Museu de Artes e Ofícios

O Museu de Artes e Ofícios foi implantado em outubro de 2000 e abriga um acervo bastante representativo da história do trabalho pré-industrial no País. Durante a vivência, duas rotas serão percorridas. Uma das rotas é “Mulheres e Ofícios”, que pretende, por meio do reconhecimento da invisibilidade e desvalorização do trabalho das mulheres, investigar as identidades da mulher no mundo do trabalho, suas realizações, seus ‘gestos’, sua inserção no contexto social e os estigmas que permeiam a sociedade atual. Almeja-se ainda perceber os costumes e outros traços culturais que ampliam o debate sobre gênero, trabalho e cidadania. A outra rota é “Ofícios da Terra”, que vai destacar o que vem da terra e os ofícios relacionados à produção do açúcar, da rapadura, da cachaça, do café, da mandioca, assim como uma série de ferramentas utilizadas na produção agrícola.

9h às 12h | Local de saída: Parque Municipal* | Almoço no Restaurante Popular

4) Nascente Fundamental

Localizada na região do Baixo Onça, uma zona de ocupação recente na capital mineira e uma das mais novas fronteiras de expansão do município, a Nascente Fundamental é uma área que está sendo recuperada pela comunidade e por organizações parceiras, através de ações coletivas de estruturação e manutenção do espaço público. Durante a vivência, será realizada uma conversa sobre a história e o contexto da área e um mutirão para auxiliar na manutenção da nascente e da área no entorno. Também está prevista uma visita à Casa Comum – espaço de uma antiga fazenda que já foi sede da COPASA e, atualmente, foi cedida ao Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu (Comupra) e seus parceiros para realização de reuniões, formações e encontros.

9h às 14h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no local*

5) Escola Municipal Professor Paulo Freire

A Escola Municipal Professor Paulo Freire nasceu em 2001, no bairro Ribeiro de Abreu, uma região marcada por extrema vulnerabilidade social na periferia de Belo Horizonte (MG). Pela carência de oportunidades, muitas crianças da comunidade viam-se vulneráveis à violência e excluídas da educação básica. O poder de articulação que possibilitou a criação da escola se tornou uma marca expressiva no programa político-pedagógico adotado. Há uma aposta permanente no acolhimento, respeito ao outro e na valorização da escola como ambiente democrático – produzido e cuidado por todos. A Escola Paulo Freire desenvolve um trabalho na Escola Integrada com hortas escolares e atua em parceria com a Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas, desde 2013, por meio da realização de oficinas e mutirões. Em 2017, iniciou também a implantação de um pomar agroflorestal na escola. Na vivência, ocorrerá um grande mutirão envolvendo a comunidade escolar, estudantes e pais para o manejo do pomar, da horta e do jardim. Esse encontro é um importante momento para a troca de experiências e compreensão da agroecologia em contextos escolares.

9h às 12h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no Restaurante Popular*

6) PlugMinas

O PlugMinas – Centro de Formação e Experimentação Digital é um projeto do Governo de Minas Gerais dedicado à juventude. Desde 2009, jovens de 14 a 24 anos, que estudam ou se formaram na rede pública de ensino de Minas Gerais e que moram em BH ou Região Metropolitana, participam de atividades nas áreas do empreendedorismo, moda, novas tecnologias, artes e idiomas. Durante a vivência, serão realizadas oficinas de Jardinagem Comestível e Compostagem, ambas pensadas para atender as demandas dos estudantes e o contexto do espaço da escola.

9h às 14h30 | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no local*

7) Roots Ativa

Coletivo de jovens urbanas/os que moram em uma casa localizada na Vila Nossa Senhora de Fátima / Aglomerado da Serra – maior favela de Minas Gerais – e que praticam e difundem a cultura rastafári. O Coletivo Roots Ativa desenvolve várias atividades de preservação ambiental e de agricultura urbana na comunidade: gestão comunitária dos resíduos, por meio de minhocários e compostagem; viveiro de mudas; horta; permacultura; alimentação saudável; e comercialização em feiras e por encomendas. Durante a vivência, serão apresentadas algumas ações do Coletivo e realizados trabalhos práticos em uma área que agrega berços agroflorestais, compostagem e gestão de resíduos.

9 às 14h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no local*

8) Ervanário São Francisco de Assis

O Ervanário São Francisco de Assis é uma experiência familiar que, desde 1994, trabalha com medicina popular e alimentação natural. Em Sabará/MG, Aparecida Arruda, mais conhecida como Tantina, pratica seus saberes de raizeira, cultiva hortas urbanas e manipula plantas medicinais, propagando a consciência da preservação e da apropriação social da natureza. Durante a vivência, será realizada uma caminhada para identificação de plantas medicinais do Cerrado e uma prática envolvendo o trabalho com plantas medicinais.

9 às 14h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no local*

9) Comunidade Izidora – Ocupações Rosa Leão e Vitória

A Ocupação Vitória surgiu em 2013 e faz parte da comunidade Izidora, área do maior conflito fundiário urbano do Brasil. Desde 2014, as Brigadas Populares e a Articulação de Agricultura Urbana da Região Metropolitana de Belo Horizonte (AMAU), junto aos moradores/as dessa Ocupação, buscam fortalecer iniciativas de produção agroecológica, por meio da realização de oficinas e mutirões e do resgate dos saberes tradicionais de agricultura. Atualmente, junto às outras ocupações da Izidora (Rosa Leão e Esperança) e a outros parceiros (Rede de Intercâmbio, AUÊ!, Agroecologia na Periferia, Escritório de Integração da PUC e Prefeitura de Belo Horizonte), está em construção um projeto para o desenvolvimento e fortalecimento da agroecologia em toda a região da Izidora. A vivência prevê uma caminhada de apresentação das iniciativas em curso e a troca de experiências nos quintais produtivos das ocupações.

9h às 14h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no local*

10) Acampamento Maria da Conceição - MST

No dia 8 de março de 2017, foi ocupada as terras do empresário Eike Batista, um latifúndio improdutivo de 3 mil hectares, no município de Itatiaiuçu, onde hoje moram 600 famílias. Essas famílias acampadas hoje trabalham em hortas coletivas, sendo que a cada semana o trabalho fica dividido para um núcleo. A produção das hortaliças é diversa, de base agroecológica e abastece o acampamento. A ocupação fez parte da Jornada Nacional de Luta das Mulheres e o acampamento recebeu o nome de Maria da Conceição em homenagem a uma militante do movimento. Será realizada uma roda de conversa sobre a jornada de lutas e o avanço da reforma agrária; e sobre a produção coletiva agroecológica e as formas de comercialização, como a loja Armazém do Campo e as cestas de consumo.

9h às 13h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no local*

11) Ocupação Vicentão

A nova ocupação de famílias sem teto nasceu no ano de 2018, em um imóvel localizado no Centro de Belo Horizonte, como fruto da organização e da coragem das mulheres, homens, crianças e idosos que desatam as correntes da opressão e se colocam em luta por uma cidade onde caibam todas e todos. A Ocupação acredita e constrói sua luta para fazer

valer o direito à cidade como expressão do direito à moradia, ao lazer, à cultura e, essencialmente, como o direito de transformar a cidade, de forma a atender seus reais interesses, desejos e sonhos. A vivência abordará as convergências entre a agroecologia e o contexto da Ocupação na busca por autonomia e pelo bem viver.

9h às 12h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no Restaurante Popular*

12) Centro de Vivência Agroecológica (CEVAE) Coqueiros

O Centro de Vivência Agroecológica (CEVAE) é um programa criado pela Prefeitura de Belo Horizonte, em 1995, como uma política de meio ambiente e segurança alimentar. A proposta é de que os CEVAEs fossem espaços de convivência de experiências diversas, tendo como foco principal temas ambientais ligados ao desenvolvimento da agricultura urbana. Em um espaço privilegiado, o CEVAE Coqueiros planeja, acompanha e analisa as demandas das várias instituições municipais com as quais divide sua área, procurando cumprir os fundamentos, os objetivos e as diretrizes gerais do Programa CEVAE. Sua função é sensibilizar e capacitar a comunidade e representantes de instituições que atuam no local, formando uma rede de troca de experiências e realizações conjuntas para a melhoria ambiental. A vivência proporcionará o conhecimento dessa iniciativa municipal, além da troca de experiências entre as pessoas.

9h às 14h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no local*

13) Parque Jardim América

O movimento do Parque Jardim América surgiu em 2011, através de uma mobilização popular – com participação de moradores do bairro Jardim América – que procurava dar resposta a um processo, iniciado também em 2011, de pedido de licenciamento para corte de mata nativa na área da chácara Jardim América. O processo publicado no Diário Oficial do Município começou quando a construtora MASB, em parceria com os proprietários do terreno, desenvolveram um projeto residencial e comercial que necessitaria da supressão da cobertura vegetal da última área de mata nativa da Regional Oeste. Atualmente, o coletivo GOM&UJA – Grupo Organizado de Moradores & Usuários do Bairro Jardim América e Adjacências, criado em tal ocasião, resiste à implementação do empreendimento e busca a preservação da área verde. Diversas ações

de resistência, mobilização da população e divulgação do conflito têm sido desenvolvidas pelo grupo. A vivência será um importante momento de apresentação, no âmbito nacional, da atual situação do movimento, e também será uma oportunidade para troca de experiências e discussões relacionadas à organização comunitária e à pressão sobre as áreas naturais em cidades.

9h às 12h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no Restaurante Popular*

14) Corredor Agroecológico

O Corredor Agroecológico Arrudas é uma proposta de ressignificação do espaço urbano por meio da Agroecologia. É um espaço de diálogo e prática com a cidade de Belo Horizonte sobre as iniciativas e possibilidades de produção agroecológica urbana. Promoção do convívio, cultura e lazer, da mobilidade ativa, da agrobiodiversidade, da produção e do consumo de alimentos saudáveis, da reutilização de resíduos e da proteção das águas são as ações previstas para esse espaço. Os/as participantes da vivência desfrutarão de um trecho do Corredor Agroecológico Arrudas e de sua diversidade, ainda em construção. Percorreremos, a pé ou de bicicleta, a trilha agroecológica. Ela será composta por estações de iniciativas, como urbanismo tático, jardins produtivos, compostagem e resíduos sólidos, construções ecológicas e muito mais.

9h às 12h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no Restaurante Popular*

15) Casa de Gentil

A organização não governamental Casa de Gentil – Culturas e Convívios é um espaço idealizado e organizado por voluntários, com o objetivo principal de contribuir para a valorização da cultura e o empoderamento e desenvolvimento social da comunidade. A Casa de Gentil foi fundada em 1º de setembro de 2012 e, desde então, realiza oficinas, eventos e ações, voltados principalmente para crianças e jovens do bairro Várzea do Sítio e bairros vizinhos. Durante a vivência, pretende-se envolver a juventude do bairro, apresentar a realidade do espaço e as atividades desenvolvidas em torno da música e da agricultura, assim como celebrar o encontro e promover a troca de experiência entre juventudes.

9h às 14h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no local*

16) Ocupação Pátria Livre

Criada em 7 de setembro de 2017, a ocupação na Pedreira Prado Lopes abriga 35 famílias. Destas 35 famílias, 33 são chefiadas por mulheres (a maior parte mães solteiras e desempregadas). No total, aproximadamente 70 pessoas, sendo mais de 30 crianças e adolescentes, dividem o espaço, que inclui um prédio de cinco andares e um grande galpão, localizado na rua Pedro Lessa. Durante a vivência, será apresentada a história da ocupação e da Pedreira e ocorrerá uma prática envolvendo uma horta agroecológica no terreno.

9h às 12h | Local de saída: Parque Municipal | Almoço no Restaurante Popular*

Oficinas e atividades autogestionadas

As oficinas e atividades autogestionadas do IV Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) acontecerão no dia 02/06 (sábado). Algumas atividades ocorrerão em Tendas e Gramados localizados dentro do Parque Municipal de Belo Horizonte, outras, em salas localizadas nas imediações do Parque Municipal. O horário destinado a estas atividades é de 9h às 12h e de 14h às 15h30.

Será um importante momento para compartilharmos os nossos saberes e fazeres. O objetivo é criar um ambiente de interação e troca entre as/os participantes do IV ENA e a sociedade, principalmente com a população de Belo Horizonte e região que estará no Parque Municipal. A ideia é que juntas/os possamos refletir e colocar nossos corpos, mãos e corações em movimento.

1. Biodiversidade: bem comum, soberania alimentar e territorial dos povos do Brasil

1.1- Roda de Conversa e caminhada de identificação de Plantas Alimentares Não Convencionais (PANCs)

O projeto Jaca Verde PANC abordarão nesta roda de conversa as propriedades nutricionais de algumas PANCs e, em seguida, será demonstrada a imensa potencialidade da agrobiodiversidade urbana, através de uma caminhada de identificação das PANCs que podem ser encontradas no Parque Municipal e imediações.

*9h às 12h | Local: Gramado**

1.2- Produção e melhoramento de Sementes Crioulas pela agricultura camponesa

O Movimento Camponês Popular propõe uma oficina sobre a importância das sementes crioulas para a autonomia camponesa e soberania alimentar, além dos métodos de produção e melhoramento de sementes de milho e de feijão e dos Corredores Agroecológicos.

14h às 15h30 | Local: Gramado*

2. Educação do Campo e Construção do Conhecimento Agroecológico

2.1- Construção da Saúde do Solo para evitar as doenças da Cidade: o Biopoder Camponês como respeito a cidadania entre Campo e Cidade

A Rede de Agricultura Ecológica (RAE) e Juquira Candirú Satyagraha propõem a oficina que tem o objetivo de apresentar ferramentas atualizadas para atuação do Bombeiro/a Agroecológico/a para agirem junto a organizações de pequenos agricultores com compreensão dos avanços tecnológicos, mudanças e transformações que estão sendo engendradas na agricultura do mundo. Trata-se de uma série de diálogos em busca da autonomia produtiva frente aos avanços das Transnacionais.

9h às 12h e 14h às 15h30 | Local: Gramado*

2.2- Oficina de organização e mobilização para o XI Congresso Brasileiro de Agroecologia

A Rede Sergipana de Agroecologia, através dessa oficina, propõe a reflexão de estratégias de organização e mobilização para a realização do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), que acontecerá em Sergipe (região nordeste), em 2019.

9h às 12h | Local: Tenda 14

2.3- Os Núcleos de Agroecologia no Brasil e a Escrita Criativa: semeando outras formas de fazer ciência

A Rede de Núcleos de Estudos em Agroecologia do Brasil propõe uma roda de conversa que discutirá a importância dos Núcleos de Agroecologia na construção do conhecimento agroecológico nos diversos territórios do País, prosseguida por uma oficina de construção coletiva e

criativa de textos. A oficina busca exercitar a escrita como forma de registro e sistematização, estimulando a troca de experiências entre os núcleos, coletivos, estudantes e agricultoras/es.

9h às 12h | Local: Tenda 04

2.4- Educação Alimentar e Nutricional (EAN) nas Escolas: da teoria à prática sustentável com Soberania Alimentar e Agroecologia

O Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Minas Gerais (CONSEA) discutirá o procedimento realizado junto aos grupos populacionais, considerando as interações e os significados que compõem o fenômeno do comportamento alimentar, para aconselhar mudanças necessárias a uma readequação dos hábitos alimentares (Resol. CFN 380/2005), levando em consideração a importância do conhecimento e inserção da Agroecologia no contexto escolar e no cotidiano de nossos estudantes.

14h às 15h30 | Local: Tenda 03

2.5- Agroecologia e poesia: dando voz às crianças e adolescentes por meio da linguagem artística na abordagem e promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN)

O Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Minas Gerais (CONSEA) e a Universidade Federal de Lavras (UFLA) propõem uma oficina para as crianças e adolescentes expressarem a agroecologia através da poesia, como parte do entendimento da arte enquanto uma das formas que o ser humano encontrou para diminuir e reinterpretar seu sofrimento de uma forma produtiva, ou mesmo para expressar sua alegria.

14h às 15h30 | Local: Gramado*

2.6- Roda de conversa: Educação Popular base Paulo Freire

A Casa Pintagol / MG propõe uma roda de conversa para levantamento das potencializações de educação popular com o movimento Agroecológico.

14h às 15h30 | Local: Tenda 12

2.7- Teia dos Povos: aquilo que nos une é maior do que aquilo que nos separa

A Teia dos Povos propõe esta roda de conversa, que tem o objetivo de falar sobre sua história e trajetória na construção de um saber e fazer agroecológico, a partir das experiências e vivências desenvolvidas na Bahia.

14h às 15h30 | Local: Tenda 15

2.8- Roda de Conversa: Educação do Campo e Agroecologia

A Rede Mineira de Educação do campo realizará essa roda de conversa com o objetivo de trocar experiências entre estudantes, agricultores/as, professores/as e outros profissionais, sujeitos e instituições que tenham interesse em conhecer e dialogar sobre os cursos de graduação em Educação do Campo.

9h às 12h | Local: Tenda 15

2.9- Oficina de capoeira para crianças

Esta oficina, promovida pelo Instituto Cresce e pelo grupo Pernada Baiana, levará as crianças ao rico universo da capoeira. A ideia é vivenciar os cantos e os movimentos com uma abordagem lúdica, que resgata a linda história de um dos mais belos patrimônios imateriais do Brasil e que tanto contribui para a resistência e memória do povo brasileiro.

14 às 15:30h | Local: Gramado*

2.10- Agroecologia no currículo Waldorf: a experiência do Instituto Ouro Verde na RMBH

A comunidade do Instituto Ouro Verde, escola de orientação Waldorf situada em Nova Lima/RMBH, apresentará suas experiências de maneira criativa e interativa, como a Agroecologia no currículo do 1º ao 9º ano do ensino fundamental; e seus fundamentos de Gestão Participativa, Escola Verde e Pedagogia Waldorf.

9h às 12h | Local: Gramado*

2.11- Pedagogia para Transição Agroecológica e Homeopática gerando autonomia

A Rede de Transição Agroecológica e Homeopática Trem Natural realizará oficina sobre a importância da construção de uma Pedagogia para a Transição Agroecológica e Homeopática geradora de autonomia, além de caracterizar os passos dessa transição, estabelecendo um paralelo com a educação do campo.

10h às 11h30 | Local: Gramado*

2.12- Construção de uma publicação coletiva de materiais educativos em agroecologia para/com jovens

O intuito desta roda de conversa é discutir uma proposta de construção de uma publicação que visa reunir e difundir materiais e experiências de educação em agroecologia em curso nos/para os processos formativos de jovens.

9h às 11h | Local: Gramado*

3. Comida de Verdade: soberania e segurança alimentar e nutricional, culturas alimentares e nutrição

3.1- Tecnologias Ancestrais da Agricultura Orgânica

O geólogo Lúcio Lambert do grupo Agricultura Familiar Sustentável propõe uma roda de conversa que visa o resgate das técnicas eficientes de produção com insumos locais que foram desacreditadas pela indústria agroquímica e suas redes de sustentação.

14h às 15h30 | Local: Teatro Espanca (Rua Aarão Reis, 542 - Centro)

3.2- Roda de conversa com exposição de produtos naturais e degustação

A Associação de mulheres artesãs da agricultura familiar de Arauá-SE convida você para uma roda de conversa sobre segurança alimentar nutricional, onde haverá a degustação dos produtos naturais e sucos medicinais produzidos por elas.

14h às 15h30 | Local: Tenda 13

3.3- As políticas públicas de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional e o impacto do congelamento dos gastos públicos sobre a população negra

A Rede de Mulheres Negras para Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional/REDESSAN, a Rede Mulheres Negras do Paraná e o Movimento de Pequenos Agricultores (MPA)/Bahia propõem uma roda de conversa que tem o objetivo de construir e fortalecer o discurso ativo e a escuta empática das Mulheres Negras, que emergem como protagonistas na elaboração de políticas públicas em um ambiente adverso, disputando espaço com forças hegemônicas já estabelecidas.

9h às 12h | Local: Tenda 08

3.4- Sabores da Caatinga: novos olhares, novos paladares

O grupo Sabores da Caatinga propõe uma oficina de caracterização e disseminação de receitas que tenham como base as cactáceas, resgatando assim a cultura gastronômica da Região Semiárida. A preservação desses alimentos exóticos, originais e toda a cultura gastronômica dependem cada vez mais do empenho dos habitantes de pequenas comunidades.

9h às 12h | Local: Gramado*

3.5- Caminhos para sistemas alimentares sustentáveis no Semiárido

O Centro Sabiá apresenta nessa roda de conversa os resultados do estudo “Caminhos para a construção de sistemas alimentares sustentáveis”, que integra um conjunto de três investigações realizadas em regiões semiáridas da Ásia, África e América Latina (Índia, Senegal e Brasil, respectivamente). O objetivo é demonstrar que a abordagem de promover a segurança alimentar, através dos sistemas de produção agroecológicos e com foco na agricultura familiar, contribui para a construção de um mundo mais justo em contextos de extrema escassez de recursos e fragilidade ambiental.

14h às 15h30 | Local: Tenda 10

3.6- Alimentação na escola: rompendo barreiras na RMBH

O Instituto Educacional e Cultural Ouro Verde, o Instituto Cresce e o Centro Lúdico de Interação e Cultura propõem uma roda de conversa

sobre alimentação nas escolas e discutirá esta temática a partir de três experiências da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

10h às 12h | Local: Gramado*

4. Sem Feminismo não há Agroecologia

4.1- Campanha Pela Justa Divisão do Trabalho Doméstico

Nesta oficina, a Rede Ater Agroecologia / ActionAid Brasil convidam você a se juntar à Campanha pela Justa Divisão do Trabalho Doméstico. Ao discutir os desafios de uma Assessoria Técnica Feminista em Agroecologia, percebeu que o tema da sobrecarga de trabalho das mulheres rurais e a sua invisibilidade constantemente aparecia.

9h às 12h | Local: Auditório do Centro Público de Economia Solidária (Av. dos Andradas, 367, 2º andar, Bloco C, Centro, BH)

4.2- Escola de Educadoras Feministas

O Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste apresenta nesta oficina a Escola de Educadoras Feministas, que tem uma metodologia de educação popular feminista e se trata de uma tecnologia social replicável.

14h às 15h30 | Local: Tenda 11

4.3- Roda de Conversa: Como valorizar e visibilizar o trabalho das mulheres nos quintais produtivos?

O Movimento de Mulheres Camponesas busca valorizar nessa roda de conversa o trabalho das mulheres em seus diversos espaços. Na maioria das vezes, o resultado de seu trabalho não é tido como renda, mas é nesse sentido que esse trabalho precisa ser visto, valorizado e valorado.

14h às 15h30 | Local: Gramado*

4.4- Intercâmbio de conocimientos, automapeo y autohistoria para una vida vivible: despatriarcalizacion de nuestros cuerpos, memorias y territorio

El grupo Red.CoMadre propone un intercambio de conocimientos, automapeo y autohistoria para una vida vivible: despatriarcalizacion de

nuestros cuerpos, memorias y territorio. Una aproximación de nosotras mismas con nuestras propias historias y memorias así como el intercambio de ellas con otras mujeres de Latinoamérica.

9h às 12h | Local: Tenda 11

4.5- Cadernetas Agroecológicas: Monitoramento da Produção e da Renda dos Quintais das Mulheres

A oficina irá apresentar a Caderneta Agroecológica, instrumento de mensuração criado pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA) em parceria com o GT Mulheres da ANA, para dar visibilidade ao trabalho das mulheres. Usando como referência a Economia Feminista e a pesquisa nacional que está sendo realizada pela UFV, abordando a metodologia de monitoramento e trazendo alguns resultados do monitoramento que está sendo realizado para debate e reflexão.

9h às 12h | Local: Sala 3 da Sede da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) - Av. Afonso Pena, 1212, Centro.

5. Agrotóxicos e transgênicos

5.1- Sensibilização Alimentar: o equilíbrio agroecológico utilizando o alimento de verdade

A Professora Martha Tatini, da UFV, propõe roda de conversa com a finalidade de divulgar a alimentação agroecológica em suas diversas vertentes: nutricional, biológica, social, cultural e filosófica. Além de oferecer subsídios teóricos para o desenvolvimento de hábitos e cardápios saudáveis e agroecológicos.

14h às 15h30 | Local: Gramado*

5.2- Agroecologia e Saúde: práticas alternativas para o não uso de agrotóxicos

O Grupo de Intercâmbio em Agroecologia (GIAS) e o Instituto Nacional do Câncer (INCA) realizarão oficina de troca de receitas e conhecimentos sobre caldas naturais, homeopatia e demais práticas agroecológicas alternativas ao não uso de agrotóxicos.

9h às 12h | Local: Gramado*

6. Direito à terra e território: conflitos e resistência dos povos do campo e da floresta

6.1- Oficina: Trabalho em cerâmica de comunidade quilombola

O grupo “Flores e Cravos que cantam e dançam” realizará oficina de cerâmica, a partir das práticas realizadas em uma comunidade quilombola em São Francisco / MG.

9h às 12h | Local: Tenda 12

6.2- Defesa de Dissertação: “Mestres Boi e Farinhada: uma travessia às histórias e memórias socioculturais da Zona da Mata Mineira” – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa (UFV)

O pós-graduando Guilherme Menezes Conte apresentará os caminhos traçados em seus trabalhos de pesquisa com Mestre Boi e Mestre Farinhada, a partir de uma Instalação Artístico-Pedagógica proposta pelo Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia da UFV (ECOA).

9h às 13h | Local: Auditório 1 - Sede da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH) - Av. Afonso Pena, 1212, Centro.

6.3- Poéticas do corpo de luta e resistência

O coletivo Micorrizas irá trabalhar a corporeidade expressiva na dança, inspirada nos conceitos de “corpo e ancestralidade” e “anatomia simbólica”, em diálogo com a multiplicidade dos saberes populares existentes no movimento agroecológico.

9h às 12h | Local: Gramado*

6.4- Por que interessa à agroecologia debater a mineração?

A Articulação “Enfrentamento à Mineração” realizará uma roda de conversa com o objetivo de reunir as/os atingidas/os pela mineração presentes no IV ENA, para discutir as violações de direitos nos territórios onde há atividades de mineração e sua relação com a Agroecologia.

9h às 12h | Local: Espaço da Mineração

6.5- Agroecologia e Turismo Comunitário: partilhando experiências e discutindo princípios comuns

A Casa dos Saberes e a Rede Nhandereko propõem uma roda de conversa para partilha de experiências entre iniciativas turísticas de base comunitária promovidas por povos, comunidades tradicionais, agricultores/as familiares e assentadas/os articulados a redes e coletivos de agroecologia.

14h às 15h30 | Local: Gramado*

6.6- Protocolos de Consulta e Protocolos Bioculturais de comunidades e povos tradicionais

O GT Biodiversidade da ANA e o Grupo Carta de Belém realizarão um debate e troca de experiências sobre protocolos comunitários de consulta e bioculturais, construídos por comunidades tradicionais brasileiras enquanto estratégias de fortalecimento da organização para o livre acesso e uso da biodiversidade, alinhado ao acompanhamento da demarcação territorial.

9h às 12h | Local: Gramado*

7. Agriculturas urbanas e direito à cidade

7.1- Lixo Zero e Agroecologia Urbana

O Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável (INSEA) apresenta nesta oficina as experiências de modelos comunitários que têm mudado paradigmas rumo a uma nova era de regeneração, a partir da ampliação da consciência ambiental e social. Como as cidades podem construir soluções sustentáveis integrando a gestão correta dos resíduos sólidos urbanos, sobretudo os resíduos orgânicos e a produção de alimentos saudáveis.

9h às 11h | Local: Espaço da Gestão de Resíduos

7.2- Agroecologia, direito à cidade e resistência urbana

A Frente de resistência urbana e PACS propõem nessa roda de conversa as trocas de experiências entre grupos que resistem nos centros urbanos e fazem da agricultura urbana um ponto de insurgência e resistências nas cidades. A partir do diálogo, os grupos vão pensar soluções

coletivas de garantir a permanência das comunidades nos territórios.

9h às 12h | Local: Tenda 13

7.3- Oficina de horta urbana: do berçário à colheita

O grupo Casa Vida Hortas e Jardins apresenta nesta oficina uma forma prática sobre os conhecimentos básicos para o cultivo agroecológico de hortas em diversos ambientes urbanos, como quintais, apartamentos, escolas, lotes vagos e terrenos baldios.

9h às 12h | Local: Gramado*

7.4- Ilhas verdes drenantes: agrofloresta em pequenos espaços públicos

O Instituto Cresce, de Nova Lima/MG, realizará uma instalação com banner, sementes crioulas, ervas frescas e materiais pedagógicos utilizados nas atividades de educação ambiental e implantação das Ilhas Verdes drenantes.

9h às 12h | Local: Gramado*

8. Comunicação e cultura

8.1- Oficina do Riso: Agroecologia também é saúde e alegria!

A oficina, promovida pela Clowns do IVERT - Cia. de Palhaços, utilizará formas expressivas em brincadeiras e conversas que mostram o riso e a alegria e seu potencial libertador, fundamental para o resgate e valorização de práticas saudáveis no cuidado com o corpo físico e espiritual.

9h às 11h | Local: Gramado*

8.2- Agroecologia e Criptografia: resistências nas redes e nos roçados

Na oficina proposta pela Marcha Mundial das Mulheres serão exploradas as interconexões entre a criptografia e a agroecologia como formas de resistência ao sistema, que tem o objetivo de avançar na defesa dos comuns, da solidariedade e da coletividade. Nas redes, a utilização da criptografia é uma forma de resistir à vigilância em massa, essencial para o funcionamento das engrenagens capitalistas.

9h às 12h | Local: Teatro Espanca (Rua Aarão Reis, 542 - Centro)

8.3- Oficina de fanzines: comunicação popular e independente

O Coletivo Deformação irá realizar uma oficina de comunicação popular, onde compartilharão técnicas de produção de fanzines, tais como edição, paginação, colagem e confecção em geral.

10h às 12h | Local: Gramado*

8.4- Bandeirão de Luta - Agroecologia, Comunicação e Cultura

O Coletivo de Comunicação e Cultura da ANA vai debater nesta oficina experiências de comunicação e cultura populares, comunitárias, alternativas e livres que fazem parte da história das lutas sociais. Para dar visibilidade às identidades dos territórios que constroem a agroecologia, uma grande bandeira do IV ENA será confeccionada.

9h às 12h | Local: Tenda 10

8.5- Agroecologia na arte: pintura com pigmentos de terra

O Coletivo Lá no Quintal realizará uma oficina de confecção de murais e painéis feitos com pigmentos de terra, tendo como temática a agricultura urbana e a agroecologia. Busca incentivar o público a ter um olhar artístico sobre a agroecologia e sua relação com a cidade.

10h às 12h | Local: Gramado*

8.6- Capoeira e Agroecologia em Vilas e Favelas: diálogos e possibilidades

O Projeto Aiyê Brasil Oficinas de Cultura Afro Brasileira propõe uma roda de conversa sobre aplicações de sistemas Agroecológicos em vilas e favelas de Belo Horizonte em diálogo com a capoeira.

9h às 12h | Local: Gramado*

8.7- Formando intercâmbios digitais sobre a agrobiodiversidade

O grupo de estudos Forefront, da UFV, irá realizar uma oficina sobre formação de grupos de whatsapp para trocar saberes sobre a biodiversidade funcional: plantas, árvores, bichos e outros organismos que nos ajudam no manejo da lavoura, horta, pomar, etc, para melhorar o solo, a polinização, a prevenção de doenças, o regulamento de água.

14h às 15h30 | Local: Gramado*

9. Saúde integral e medicina tradicional

9.1- Comida patrimônio de um povo, água e vida

O Grupo de mulheres artesãs da agricultura familiar de Arauá / SE propõe uma roda de conversa sobre a nossa segurança alimentar nutricional, através da degustação de suas comidas. Trata-se de produtos naturais e artesanais e sucos medicinais.

9h às 12h e 14h às 15h30 | Local: Gramado*

9.2- Saúde do campo, das florestas, das águas e agroecologia

O Grupo da Terra propõe uma roda de conversa sobre saúde do campo, das florestas e das águas, sua interface com a agroecologia, a promoção da saúde humana e ambiental e os desafios na construção de uma articulação das populações do campo, das florestas e das águas.

9h às 12h | Local: Gramado*

10. Água: conservação e democratização do acesso e gestão

10.1- Roda de Conversa: os atingidos por barragens e a agroecologia por uma Política Nacional que garanta os direitos, a democracia e o Congresso do Povo

O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) traz nessa roda de conversa o debate sobre a situação da vida dos atingidos por barragens que, junto aos camponeses, são os guardiões da biodiversidade e agroecologia.

9h às 12h | Local: Gramado*

11. Construção social de mercados, vigilância sanitária e certificação

11.1- Cerveja Caseira: Transição Agroecológica Já!

O Coletivo Alcoólicos Autônomos realizará uma roda de conversa para discutir a legalidade e viabilidade de pequenas produções de cerveja para comercializar, além de traçar diretrizes para que as pequenas produções de cerveja possam de fato realizar a transição agroecológica.

9h às 12h | Local: Tenda 09

11.2- Encontro do Fórum Brasileiro de Sistemas Participativos de Garantia (SPGs) e Organismos de Controle Social (OCSs)

O Fórum Brasileiro de SPGs e OCSs propõe uma roda de conversa sobre a Certificação Participativa, a importância do controle social e as estratégias para fortalecimento do Fórum.

14h às 15h30 | Local: Tenda 09

11.3- Roda de Conversa: Livres – Trabalhadores Organizados

A roda de conversa proposta pelo “LIVRES – Trabalhadores Organizados” visa apresentar a iniciativa e estabelecer um diálogo com produtores e consumidores agroecológicos, com vistas a identificar os principais gargalos na criação de mercados sociais.

9h às 12h | Local: Gramado*

11.4- CSA – Comunidades que Sustentam a Agricultura – a busca da Soberania Alimentar unindo agricultores e consumidores do campo e cidade

A CSA Brasil e o Núcleo de Estudo em Agroecologia (NEA/UNB) apresentam nessa roda de conversa a filosofia e forma de organizar das Comunidades que Sustentam a Agricultura, como forma concreta de estabelecer uma ponte que liga o pequeno agricultor familiar a um grupo de pessoas da cidade (consumidores) que se tornarão co-agricultores.

14h às 15h30 | Local: Tenda 08

11.5- Normas Sanitárias: para quê e para quem? O que aconteceu do III ENA para cá?

Nessa atividade, o Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN) pretende partir da síntese de diálogo promovido durante o III ENA, com o objetivo de listar e avaliar os avanços e novos desafios apresentados após quatro anos. O debate sobre normas sanitárias será feito pela ótica da cultura alimentar, de forma integrada aos conteúdos da Exposição Campanha Comida é Patrimônio.

9h às 12h | Local: Tenda 01

12. Juventudes

12.1- Prosa Boa: corpo, afeto e sociedade

O Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA) Inconfidentes vai levantar discussões e debates sobre assuntos e tabus relacionados ao ato sexual, tais como os órgãos envolvidos e seu funcionamento, saúde e higiene íntima, prevenção de DSTs e infecções, prevenção de gravidez indesejada, aborto, contracepção, relações de gênero e sexualidade.

9h às 12h | Local: Sala de Curso do Centro Público de Economia Solidária (Av. dos Andradas, 367, 2º andar, Bloco C, Centro, BH)

12.2- Encontro de Fóruns de Juventudes (BH, Recife e RJ)

O GT de Juventudes da ANA propõe uma roda de conversa que tem o objetivo de compartilhar as metodologias desenvolvidas entre os fóruns, identificar e potencializar a temática da agroecologia e fortalecer rede e futuras ações em conjunto.

14h às 15h30 | Local: Tenda 04

** As/os participantes das oficinas e atividades autogestionadas que acontecem nos gramados do Parque Municipal deverão se encontrar no sábado, 02/06, às 8:40h na Tenda de Credenciamento (localizada próxima à entrada principal do Parque - Avenida Afonso Pena).*

Plenária Final

A Plenária Final será o momento de apresentação e aprovação da Carta Política do IV ENA, elaborada a partir dos debates e vivências realizadas durante as diferentes atividades do Encontro. A partir do conteúdo da carta – suas denúncias, anúncios e propostas –, haverá a manifestação de alguns gestores e organizações públicas que apoiam a agroecologia, para que possam se expressar a respeito dos compromissos e ações que irão assumir.

02/06 (sábado) | 16h às 19h | Local: Grande Tenda (22)

Feira “Saberes e Sabores”

A Feira “Saberes e Sabores” será um espaço de comercialização de produtos agroecológicos de todas as regiões do Brasil; de integração e troca de conhecimentos e experiências; e de divulgação de publicações produzidas por organizações presentes no Encontro. A Feira será aberta ao público em geral, que irá visitar o IV ENA no Parque Municipal, e contará com 90 barracas, divididas pelas regiões brasileiras. Serão comercializadas hortaliças, frutas e legumes, produtos processados e quitandas; assim como artesanatos indígenas, quilombolas e de comunidades tradicionais de todo o País.

02/06 (sábado) | 9 às 17h | Local: Parque Municipal

03/06 (domingo) | 9 às 13h | Local: Parque Municipal

Praça de Alimentação Agroecológica

A Praça de Alimentação do IV ENA pretende reunir um pouco da diversidade alimentar mineira e do Brasil. Cozinheiros/as e cevejeiros/as vão oferecer alimentos saborosos, como lanches, sanduíches, tortas, queijos, pratos salgados, doces e sobremesas, além de sucos, cachaaças e cervejas artesanais. A Praça de Alimentação terá a participação de grupos, coletivos e iniciativas ligadas à agricultura familiar, às redes de agroecologia, movimentos sociais, cooperativas e produtores artesanais.

31/05 (quinta-feira) e 01/06 (sexta-feira) | Horário: 14 às 22h | Local:

Alameda do Parque Municipal

02/06 (sábado) | 9 às 17h | Local: Alameda do Parque Municipal

03/06 (domingo) | 9 às 13h | Local: Alameda do Parque Municipal

Banquete Popular Agroecológico

No último dia do Encontro será realizado um grande Banquete Popular Agroecológico, onde alimentos de qualidade, produzidos por agricultoras/es de todo o Brasil, serão oferecidos à população presente no Parque Municipal. O Banquete será uma ferramenta de diálogo com a sociedade, buscando mostrar a capacidade da agroecologia de produzir alimentos saudáveis em quantidade e qualidade suficientes para abastecer a população a preços justos.

O Banquete Popular Agroecológico do IV ENA consagra e fortalece a

abundância e a diversidade cultural e natural brasileira. Sua construção nasce no campo, no cultivo e na colheita, e cresce com os saberes e artes de fazer, que dão aos ingredientes formas, sabores e histórias. Agricultoras/es, produtoras/es, quitadeiras/os, cozinheiras/os e articuladoras/es se unem para ofertar à população essa experiência de nos situarmos em torno da mesa como participantes ativos da história e dos rumos de nossa relação com o alimento e a terra.

03/06 (domingo) | 10 às 12h | Local: Em frente a Grande Tenda

Espaço da Saúde “Fernando Luiz Vieira”

O Espaço da Saúde funcionará durante as manhãs e tardes dos quatro dias do Encontro, como um espaço de cuidado com a saúde e bem estar dos/as participantes. Serão realizados atendimentos por raizeiras/os, benzedeiros/os, terapeutas e profissionais da saúde que se dedicam à saúde integral e à medicina tradicional e popular. Também serão encaminhados possíveis atendimentos de urgência.

As ações ligadas à temática da Saúde do IV ENA foram construídas por uma comissão composta por pessoas de diversas regiões que, de diferentes formas, se dedicam à saúde integral e à medicina tradicional e popular.

A Tenda homenageia Fernando Luiz Vieira, agricultor urbano participante da Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana de Belo Horizonte (AMAU) e da Articulação Pacari. Fernando lutou por mais de 20 anos pelo bem estar de todos/as em seu ofício de raizeiro e benzedeiro, e fez sua passagem no dia 26 de maio de 2017.

Fernando, presente!

31/05 (quinta-feira) | 13 às 17h | Local: Espaço da Saúde (16)

01 e 02/06 (sexta-feira e sábado) | 9 às 17h | Local: Espaço da Saúde (16)

03/06 (domingo) | 9 às 13h | Local: Espaço da Saúde (16)

Ciranda

A Ciranda Infantil do IV ENA será um espaço acolhedor, lúdico, educativo, alegre e divertido, pensado para o cuidado com as crianças do Encontro. Enquanto as mães e os pais participam das atividades do IV ENA, a Ciranda será o local de convívio entre as crianças e as/os educadoras/es, promovendo um lugar de diálogo e construção de saberes

coletivos, que estimule a criatividade e a imaginação, e integrando as crianças com as temáticas, princípios e atividades do Encontro. Assim, considera-se que as crianças também são sujeitos protagonistas deste Encontro e participam ativamente na sua construção!

É importante lembrar que a Ciranda não funcionará nos horários de café da manhã, almoço e jantar, e também na quinta-feira de manhã e no domingo. Nesses horários, as crianças estarão sob a responsabilidade dos pais e mães.

31/05 (quinta-feira) | 14:00h às 17:00h | Local: Tenda 17

01/06 (sexta-feira) | 7:30h às 12:00h e de 14:00h às 17:30h | Local:

Tenda 17

02/06 (sábado) | 9:00 às 12:00h e de 14:00 às 19:00h | Local: Tenda 17

Intervenções e apresentações artístico-culturais

Neste IV ENA, nossa aposta coletiva é avançar na visibilização e fortalecimento político da cultura popular como uma das principais expressões de resistência do movimento agroecológico. Essa diversidade cultural, que pulsa nos territórios, constrói cotidianamente encantamentos, estratégias solidárias e alternativas econômicas, políticas e organizativas locais que resistem ao agronegócio e às diversas pressões do capital nos territórios. Esses olhares e entendimentos coletivos nos ajudam a construir a cultura e a comunicação para além de suas ferramentas e apresentações artísticas.

A partir da mistura do movimento cultural que colore e agita as ruas de Belo Horizonte com as expressões populares dos povos de Minas Gerais e das demais regiões do Brasil, as intervenções artísticas previstas ao longo dos quatro dias da programação se desafiam a trazer a força e a diversidade dos territórios na defesa da democracia.

A programação cultural – que acontece em todos os cantos do Parque Municipal nos quatro dias de Encontro e, no sábado à noite, no Viaduto Santa Tereza – contará com ritmos, sons, crenças e cores que movimentam e conectam as cidades, os campos, as florestas, os mares e as nossas resistências.

As apresentações artístico culturais do IV ENA serão divulgadas durante o Encontro.

A ESTRUTURA E A LOGÍSTICA

Hospedagem

A hospedagem das/os delegadas/os e convidadas/os do IV ENA ocorrerá de duas formas:

• **Alojamento e Acampamento no PlugMinas.** Endereço: Rua Santo Agostinho, 1.441, Bairro Horto, BH | Público: Juventudes

• **Hotéis e Hostels** | Público: Geral

Credenciamento das/os participantes e inscrição nas atividades

• O credenciamento das/os participantes acontecerá no Plug Minas e no Posto de Credenciamento, localizado na entrada principal do Parque Municipal, na Avenida Afonso Pena.

• A inscrição nas atividades de sábado (02/06) – Vivências e Oficinas autogestionadas – será realizada nos dias 31/05 e 01/06, no Posto de Credenciamento, que ficará localizado na entrada principal do Parque Municipal, na Avenida Afonso Pena.

Acolhimento das/os participantes

• Três postos de acolhimento funcionarão durante o IV ENA, com o propósito de contribuir para que a chegada e permanência das/os participantes seja uma experiência positiva, acolhedora e humanizada.

• A equipe de acolhimento é composta por estudantes do Curso de Turismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que estarão disponíveis para ajudar as/os participantes e tentar responder as dúvidas sobre a programação do evento, transporte, alimentação, credenciamento, casos de urgência e outras adversidades.

• Contem com o nosso apoio!

Alimentação

O Encontro oferecerá às/aos delegadas/os e convidadas/os do Encontro quatro refeições por dia:

- **Café da manhã:** será preparado pelo MST e servido no Plug Minas para as Juventudes; os demais irão tomar café da manhã nos hotéis e hostels.

- **Almoço:**

Nos dias 31/05, 02/06 e 03/06 (quinta-feira, sábado e domingo), o almoço será servido no Restaurante Popular II – Unidade Josué de Castro, localizado na Rua Ceará, 490, Bairro Santa Efigênia (aproximadamente 1,2 km do Parque).

Em função da capacidade do Restaurante Popular, pedimos que os/as participantes almochem e, em seguida liberem o Espaço, para que outras pessoas/grupos possam entrar. No dia 01/06 (sexta-feira), o almoço será preparado pelo MST e servido no Parque Municipal.

- **Lanche da tarde:** será preparado pelo MST e servido no local de realização das atividades.

- **Jantar:** será preparado pelo MST e servido no Parque Municipal.

Deslocamento interno

- O deslocamento interno das/os participantes durante o Encontro contará com trajetos a pé e de ônibus.

- Quem estiver hospedado nos hotéis localizados no Centro de BH irá se deslocar para o Parque a pé. Quem estiver hospedado nos hotéis localizados nos bairros Betânia e Floresta irá para o Parque com os ônibus fretados pelo Encontro.

- O deslocamento do Parque Municipal para o Restaurante Popular poderá ser feito a pé ou com os ônibus fretados pelo Encontro.

- Os/as antenas de cada delegação terão informações mais detalhadas sobre o deslocamento.

Segurança

- O Parque Municipal é uma área verde localizada na área central de Belo Horizonte e amplamente frequentada por diversos grupos socio-culturais e econômicos, representando, assim, um dos espaços mais democráticos da capital mineira.

- Localizado no hipercentro de Belo Horizonte, o Parque possui vários portões de entrada/saída e é considerado um local relativamente

seguro pelas/os moradoras/es da cidade.

- Há uma equipe de segurança do próprio Parque que cuida dos espaços públicos e privados. Durante o IV ENA, a segurança do Parque será reforçada com colaboradores do Encontro.

- Sugerimos que as/os participantes não deixem seus pertences em locais onde não haja alguém responsável por eles.

- Também consideramos muito importante a atenção com as crianças e adolescentes. Durante o período do feriado, o Parque recebe cerca de 20 mil pessoas ao longo do dia. Portanto, é recomendável atenção permanente com a localização das crianças e adolescentes.

Cuidados com o Parque

- Todo o conjunto paisagístico e arquitetônico do Parque Municipal é tombado, desde 1975, pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA/MG).

- Precisamos cuidar dessa área e respeitar as regras do Parque. Não é permitido pendurar objetos (cartazes, cordas, bandeiras, entre outros) nas árvores; furar buracos na terra para fixação de estacas, bambus etc.; e retirar mudas dos jardins.

Telefones e endereços úteis

Secretaria do IV ENA

Danúbia Gardênia: (31) 99913-3952

Luísa Melgaço: (31) 99885-8223

Emergências

Corpo de Bombeiro – 193

Polícia Militar – 190

SAMU – 192

UPA Centro-sul - (31) 3238-5900

Hospital João XXIII (Pronto Socorro) - (31) 3239-9200 | Av. Professor Alfredo Balena, 400, Centro/BH

Outros

Parque Municipal - (31) 3277-4161 | Av. Afonso Pena, 1377, Centro/BH

Rodoviária – (31) 3271-3000

Aeroporto de Confins – (31) 3689-2700

Aeroporto da Pampulha – (31) 3490-2000

Coopertaxi – (31) 3421-2424

Coomotáxi - (31) 3419-2020

Divisão de Polícia Especializada da Mulher, do Idoso e do Deficiente – (31) 3295-6913

QUEM CONVOCA O IV ENA

Movimentos sociais e redes nacionais

Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME)

Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)

Associação Brasileira de Agroecologia (ABA)

Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO)

Campanha Permanente Contra os Agrotóxicos e Pela Vida

Comissão Guarani Yvyrupá

Comissão Pastoral da Terra (CPT)

Confederação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar do Brasil (CONTRAF)

Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG)

Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS)

Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ)

Federação dos Estudantes de Agroecologia do Brasil (FEAB)

Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (FBSSAN)

Marcha Mundial das Mulheres (MMM)

Movimento Camponês Popular (MCP)

Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE)

Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)

Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)

Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA)

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB)

Pastoral da juventude Rural (PJR)

Rede Brasileira de Justiça Ambiental (RBJA)

Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (REGA Brasil)

União das Cooperativas de Agricultura Familiar e Economia Solidária (UNICAFES)

Movimentos sociais e redes regionais

ANA Amazônia

Articulação Capixaba de Agroecologia (ACA)

Articulação de Agroecologia da Bahia (AABA)

Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ)

Articulação Mineira de Agroecologia (AMA)

Articulação Paulista de Agroecologia (APA)

Articulação Semiárido Brasileiro (ASA)

Articulação Tocantinense de Agroecologia (ATA)

Grupo de Intercâmbio em Agroecologia (GIAS) – MT

GT-Gênero e Agroecologia do Sudeste

Rede Agroecológica do Maranhão (RAMA)

Rede Ater Nordeste

Rede Cerrado

Rede de Agroecologia Associação dos Produtores Orgânicos de Mato Grosso do Sul (APOMS)

Rede de Agroecologia Ecovida

Rede de Comercialização Solidária de Agricultores Familiares e Extrativistas do Cerrado

Rede de Mulheres Empreendedoras Rurais da Amazônia (RMERA)

Rede de Mulheres Produtoras do Nordeste

Rede Maniva de Agroecologia (REMA) – AM

Rede Pernambucana de Agroecologia

Rede Sergipana de Agroecologia (RESEA)

Rede Terra Sem Males – RO

Núcleo Executivo da ANA

AS-PTA, CAA-NM, Centro Ecológico, Centro Sabiá, Fase, Pesacre, Sasop, Tijupá e GT-Mulheres da ANA

Comissão Organizadora Estadual

Associação Brasileira de Agroecologia (ABA)
Associação Imagem Comunitária (AIC)
Articulação Mineira de Agroecologia (AMA)
Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (AMAU)
Associação Mineira das Escolas Família Agrícolas (AMEFA)
Articulação do Semiárido Mineiro (ASA MINAS)
Associação Agroecológica Ecoletivo / Rio Pomba
AUÊ! - Grupo de Estudos em Agricultura Urbana e NEA da UFMG
Brigadas Populares (BP)
Cáritas Regional Minas Gerais
Coletivo Bicoletada
Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA)
Centro Agroecológico Tamanduá (CAT)
Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV)
Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva (CEDEFES)
Coletivo Agroecologia na Periferia - Belo Horizonte
Coletivo Aroeira
Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Minas Gerais (CONSEA-MG)
Curso de Turismo da UFMG
Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA)
Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia - ECOA (UFV)
Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais
Federação Quilombola N'GOLO
Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (FETAEMG)
Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (FETRAF)
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)
Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC)
Fórum das Juventudes da Região Metropolitana de Belo Horizonte
Fundação João Pinheiro (FJP)

Grupo de Extensão e Pesquisa em Agricultura Familiar (GEPAF - UFVJM - Campus Mucuri - T. Otoni)
Instituto Nenuca de Desenvolvimento Sustentável (INSEA)
Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natural e Agroecologia (LICENA - UFV)
Marcha Mundial das Mulheres (MMM)
Mercadinho Tã Caindo Fulô - Associação de produtores da Serra do Cipó/MG
Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)
Nagô - Núcleo de Agroecologia de Governador Valadares - UFJF
Núcleo de Estudos em Agroecologia da EPAMIG
Núcleo de Estudos em Agroecologia Inconfidentes - Ouro Preto
Núcleo de Estudos em Agroecologia MUCURI
Oficina de Imagens
Panela Cultural
Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH)
Quem Luta Educa (QLE)
Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (REDE)
Rede Pela Horta
Rede PICS (Rede de atores em práticas integrativas e complementares)
Roots Ativa
SEDA – Governo do Estado de Minas Gerais
Slow Food
Superintendência de Limpeza Urbana (SLU) - PBH
Subsecretaria de Segurança Alimentar e Nutricional (SUSAN) – PBH
União Nacional das Cooperativas de Agricultura Familiar e Economia Solidária (UNICAFES)



REALIZAÇÃO



ARTICULAÇÃO
NACIONAL DE
AGROECOLOGIA

PATROCÍNIO



APOIO

